



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Filipa Daniela Ferreira Fernandes

**Perfeccionismo, Autoestima, Ciúme,
Neuroticismo, Conscienciosidade e Vinculação
em Adultos: um Estudo Exploratório**

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, orientada pela Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima e apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Setembro de 2022



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Filipa Daniela Ferreira Fernandes

**Perfeccionismo, Autoestima, Ciúme,
Neuroticismo, Conscienciosidade e Vinculação
em Adultos: um Estudo Exploratório**

**Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, área de
especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de
especialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, orientada
pela Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima**

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Setembro de 2022

Agradecimentos

À Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima pela orientação académica e pela compreensão e tranquilidade que foi capaz de me transmitir ao longo deste processo. Obrigada por ter mostrado confiar no meu trabalho mesmo nos momentos em que eu não me senti à altura.

Às investigadoras Maria João Soares e Catarina Lucas pela prontidão com que disponibilizaram os instrumentos que solicitei para a realização do presente estudo.

Aos meus pais, pelos valores que me transmitiram e por me terem dado as bases para ir em busca daquilo em que acredito.

Obrigada ao meu irmão Nelson pelo incentivo constante e ao meu irmão Miguel por encurtar a distância com os seus telefonemas.

Obrigada aos meus fiéis amigos de quatro patas pelo amor incondicional e por todas as demais lições de companheirismo.

À minha filha, por colorir os meus dias e dar sentido à minha existência. És (a minha) Luz!

Ao meu marido, Miguel, por todo o crescimento conjunto e em conjunto. Que possamos continuar a sonhar um ao lado do outro e a enfrentar, com a mesma vontade, coragem e resiliência, os desafios que surgirem na nossa vida. Amo-te!

Resumo

Explorar, numa amostra da população falante portuguesa, a relação entre as diferentes dimensões do perfeccionismo, a autoestima e o ciúme multidimensional, designadamente, se o perfeccionismo se relaciona com o ciúme tendo como mediador a autoestima. Em paralelo, intentou-se averiguar a existência de relações significativas entre os domínios da personalidade Neuroticismo e Conscienciosidade, os subtipos e dimensões do perfeccionismo, a autoestima, a vinculação nos adultos e as componentes cognitiva, comportamental e emocional do ciúme. Com vista à prossecução destes objetivos, 163 sujeitos completaram os seguintes instrumentos: as duas subescalas do NEO-FFI correspondentes ao Neuroticismo e à Conscienciosidade, Escala Multidimensional de Perfeccionismo de Frost (EMP-F) e Escala Multidimensional de Perfeccionismo de Hewitt e Flett (EMP-H&F), Escala de Autoestima de Rosenberg, Escala Multidimensional do Ciúme de Pfeiffer e Wong e o questionário Experiências nas Relações Próximas - Estruturas Relacionais. Correlações bivariadas de Pearson permitiram concluir que tanto a relação entre os subtipos de Perfeccionismo Auto-Orientado e Socialmente Prescrito avaliados pela EMP-H&F como o perfeccionismo multidimensional mensurado pela EMP-F se correlacionam de modo fraco com o ciúme multidimensional. Além disso, a autoestima apenas estabelece uma relação estatisticamente significativa com a componente cognitiva do ciúme. Através do modelo de mediação concluiu-se ainda que, na amostra em estudo, a relação existente entre o Perfeccionismo Socialmente Prescrito e o ciúme cognitivo, além de ser fraca, não é mediada pela autoestima.

Palavras-chave: Perfeccionismo multidimensional, autoestima global, ciúme multidimensional, domínios da personalidade, vinculação dos adultos

Abstract

The current study aims to explore, in a sample of Portuguese-speaking population, the relationship between the dimensions of perfectionism, self-esteem and multidimensional jealousy, namely, if perfectionism is related to jealousy having self-esteem as a mediator. Concurrently, an attempt was made to investigate the existence of significant relationships between the personality domains Neuroticism and Conscientiousness, the subtypes/dimensions of perfectionism, self-esteem, attachment in adults and the cognitive, behavioral, and emotional components of jealousy. In order to achieve these objectives, 163 subjects completed the following instruments: a sociodemographic questionnaire, the two NEO-FFI subscales corresponding to Neuroticism and Conscientiousness, Frost's Multidimensional Perfectionism Scale (F-MPS) and Hewitt and Flett's Multidimensional Perfectionism Scale (H&F-MPS), Rosenberg's Self-Esteem Scale, Pfeiffer and Wong's Multidimensional Jealousy Scale and the Experiences in Close Relationships - Relational Structures questionnaire. Pearson's bivariate correlations allowed the conclusion that the relationship between the subtypes Self-Oriented and Socially Prescribed Perfectionism assessed by the H&F-MPS and the multidimensional perfectionism measured by the F-MPS are weakly correlated with multidimensional jealousy. Furthermore, self-esteem only establishes a statistically significant relationship with the cognitive component of jealousy. Through the mediation model, it was also concluded that, in the sample under study, the relationship between Socially Prescribed Perfectionism and cognitive jealousy, in addition to being weak, is not mediated by self-esteem.

Keywords: Multidimensional perfectionism, global self-esteem, multidimensional jealousy, personality domains, adult attachment

Índice

Agradecimentos.....	3
Resumo.....	4
Abstract.....	5
Índice de Tabelas.....	7
Índice de Figuras.....	7
Índice de Siglas e Abreviaturas.....	8
Enquadramento Teórico.....	9
Perfeccionismo.....	9
Perspetiva Psicodinâmica.....	13
Autoestima.....	15
Ciúme.....	17
Modelo dos Cinco Fatores.....	19
Vinculação dos Adultos.....	20
Objetivos e Hipóteses de Investigação.....	23
Metodologia.....	25
Participantes.....	25
Procedimentos.....	28
Instrumentos.....	28
Análise de dados.....	33
Resultados.....	34
Discussão.....	42
Limitações e Conclusões.....	47
Referências Bibliográficas.....	49
Anexos	

Índice de Tabelas:

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra.....	26
Tabela 2. Grau de Satisfação com o Relacionamento Amoroso (Atual ou com o Último).....	27
Tabela 3. Médias, Desvios Padrão e Correlações entre a Conscienciosidade, o Neuroticismo, as Dimensões do Perfeccionismo, a Autoestima e as Dimensões Ansiedade e Evitamento Globais na Vinculação.....	37
Tabela 4. Correlações entre as Componentes do Ciúme Multidimensional, as Dimensões do Perfeccionismo Mensuradas pela EMP-F e pela EMP-H&F, a Conscienciosidade, o Neuroticismo e a Autoestima.....	39
Tabela 5. Médias e Desvios Padrão dos Componentes do Ciúme Multidimensional, das Dimensões do Perfeccionismo da EMP-F e da EMP-H&F e das Dimensões Ansiedade e Evitamento na Vinculação (ao Companheiro e Global) e Correlações entre estas Variáveis.....	40
Tabela 6. Intercorrelações entre os Domínios Relacionais Mensurados pelo Questionário Experiências nas Relações Próximas - Estruturas Relacionais.....	40

Índice de Figuras:

Figura 1. Diagrama Estatístico do Modelo de Mediação Simples entre o Perfeccionismo Socialmente Prescrito e o Ciúme Cognitivo Através da Autoestima.....	42
Figura 2. Diagrama Estatístico do Modelo de Mediação Simples entre o Perfeccionismo Total (com a Dimensão Organização) Mensurado pela EMP-F e o Ciúme Cognitivo Através da Autoestima.....	42

Lista de siglas e abreviaturas:

AE – Autoestima

C – Conscienciosidade

CP – Criticismo Parental

DAA – Dúvidas Acerca das Ações

EMP – Escala Multidimensional de Perfeccionismo

EMP-F – Escala Multidimensional de Perfeccionismo de Frost

EMP-H&F – Escala Multidimensional de Perfeccionismo de Hewitt e Flett

EMC-P&W – Escala Multidimensional de Ciúme de Pfeiffer e Wong

EP – Expectativas Parentais

ERP-ER – Experiências nas Relações Próximas - Estruturas Relacionais

IC – Intervalo de Confiança

N – Neuroticismo

NEO-FFI – NEO-Five Factor Inventory

O – Organização

PA – Perfeccionismo Adaptativo

PAO – Perfeccionismo Auto-orientado

PNA – Perfeccionismo Não Adaptativo

POO – Perfeccionismo Orientado para os Outros

PP – Padrões Pessoais

PSP – Perfeccionismo Socialmente Prescrito

Enquadramento Teórico

Perfeccionismo

Envolvido na compreensão de uma ampla gama de comportamentos humanos (Burns, 1980; Shafran & Mansell, 2001), o perfeccionismo constitui uma disposição multidimensional da personalidade caracterizada por motivação e esforço na busca pela excelência ou alcance da perfeição (Frost et al., 1990; Hewitt & Flett, 1991; Stoeber & Otto, 2006). A qualidade do desempenho almejada pelos perfeccionistas excede as exigências da situação e estes indivíduos esperam de si mesmos e/ou dos outros o alcance desse patamar superior de desempenho (Hollender, 1965). No entanto, em 1950, Karen Horney utilizou o termo para designar as pessoas que, com vista a transformarem-se no seu eu idealizado e convictas de que tal é possível - independentemente das circunstâncias e da irrealidade das expectativas, direcionam a maior parte da sua energia para moldar-se e atingir essa perfeição absoluta ditada pelo seu rígido sistema interno (Horney, 1950). Diferentemente de Horney, Hollender (1965) entende que os perfeccionistas procuram, principalmente através do modo como levam a cabo as tarefas (no sentido de conseguirem que os seus desempenhos sejam perfeitos), a aceitação por parte das outras pessoas e não a gratificação narcísica. Porém, esses esforços fazem-se acompanhar de sentimentos de auto-insuficiência e questionamentos acerca do valor próprio (Frost et al., 1990; Missildine, 1963, citado em Hollender, 1965), o que, juntamente com pequenos detalhes que possam ter sido esquecidos, coloca em causa a eventual satisfação que pode advir dos resultados: “He looks so intently for defects or flaws that he lives his life as though an inspector at the end of a production line.” (Hollender, 1965, p. 95). Esta visão é coincidente com o perfeccionismo identificado por Hamachek, em 1978, como neurótico, por oposição ao que este autor designou de perfeccionismo normal (Kamushadze et al., 2021; Pacht, 1984; Rice et al., 1998). De modo complementar, a sensação de que uma dada tarefa nunca está acabada ou suficientemente bem feita, a preocupação excessiva com a possibilidade de errar (Burns, 1980;

Pacht, 1984) e a atenção seletiva perante as falhas cometidas, bem como o facto de estas serem encaradas como fracasso (Frost et al., 1990) - conducente a um comprometimento da autoperceção do sujeito e a uma sequente autoavaliação demasiado crítica (Burns, 1980; Hewitt & Flett, 1991; Stoeber & Otto, 2006) - parecem ser, também, aspetos centrais do conceito. Adicionalmente, há autores que consideram característico dos perfeccionistas a valorização excessiva da precisão, da ordem e da organização. De facto, não infrequentemente, estes indivíduos acabam por preferir trabalhar por conta própria, uma vez que o seu nível de exigência os coloca em conflito com os outros. No entanto, embora por norma o perfeccionismo seja um traço pervasivo (Hollender, 1965), o mais frequente é que se manifeste em domínios específicos, sendo a ocupação profissional e os estudos as áreas nas quais a maior parte das pessoas evidencia esta disposição (Slaney & Ashby, 1996; Stoeber & Stoeber, 2009). Por fim, outra particularidade das pessoas perfeccionistas apontada por alguns dos primeiros teóricos no assunto é a elevada ponderação que estes indivíduos atribuem à opinião e expectativas parentais (Frost et al., 1990). Em suma, na literatura têm sido referidas diferentes designações e tipos de perfeccionismo: normal *versus* neurótico, funcional *versus* disfuncional, saudável *versus* não saudável. No entanto, se atendermos às consequências deste traço da personalidade podemos, no geral, distingui-lo entre adaptativo e mal-adaptativo (Kamushadze et al., 2021; Rice et al., 1998; Stoeber & Otto, 2006; Suddarth & Slaney, 2001).

Os instrumentos de avaliação utilizados para mensurar o perfeccionismo refletem a evolução que o conceito sofreu ao longo do tempo (Hill et al., 2004). De facto, inicialmente, as conceptualizações deste construto focavam-se numa abordagem unidimensional para a qual apenas era tido em conta dimensões intrapessoais (Burns, 1980; Hewitt & Flett, 1991). A escala de Burns, desenvolvida em 1980 através da adaptação de uma parte da Escala de Atitudes Disfuncionais de Weissman e Beck (1978), é um exemplo deste tipo de instrumento. Esta escala assenta no pressuposto de que as atitudes disfuncionais dos sujeitos perfeccionistas

resultam das suas crenças e distorções cognitivas características (Burns, 1980). Passada uma década, com vista a englobar no mesmo instrumento a avaliação do máximo de características definidoras do perfeccionismo apresentadas pelos teóricos precedentes, Frost, Marten, Lahart e Rosenblate desenvolveram a Escala Multidimensional de Perfeccionismo de Frost (EMP-F). Na elaboração da escala foram incluídos itens de instrumentos já existentes e outros desenvolvidos de raiz, sendo todos na forma de declarações (Frost et al., 1990). Assim, a EMP-F subdivide-se em 6 subescalas correspondentes às 6 dimensões que avalia: (1) Padrões Pessoais (PP) - diz respeito à determinação de padrões elevados estabelecidos pelo próprio, ao esforço feito para alcançá-los e à conseqüente autoavaliação baseada na conquista dos objetivos estabelecidos, (2) Preocupação com os Erros (PE) - reflete o medo excessivo de falhar e da heteroavaliação negativa, (3) Dúvidas Acerca das Ações (DAA) - avalia as dúvidas do indivíduo acerca das próprias capacidades e a tendência para sentir que os seus projetos nunca estão satisfatoriamente concluídos, (4) Criticismo Parental (CP) e (5) Expectativas Parentais (EP) - são subescalas que traduzem a tendência do indivíduo para acreditar que os seus pais estabelecem objetivos muito altos e que são supercríticos quanto à sua prestação/desempenho, (6) Organização (O) - esta dimensão traduz a preferência pela ordem e a importância que o indivíduo lhe atribui (Amaral et al., 2013; Frost et al., 1990). Numa fase posterior, Hewitt e Flett (1991) igualmente convictos da natureza multidimensional do perfeccionismo e de que este, para além de componentes pessoais, detém aspetos interindividuais - consonante com investigações de outros autores relativas a aspetos privados e públicos do *self* - descreveram 3 dimensões do perfeccionismo: o Perfeccionismo Auto-orientado (PAO), o Perfeccionismo Orientado para os Outros (POO) e o Perfeccionismo Socialmente Prescrito (PSP). O que diferencia as dimensões são os objetos a quem se direciona o padrão comportamental característico dos perfeccionistas ou a quem se atribui o controlo desses comportamentos, por exemplo, o PSP resulta da perceção de expectativas por parte das outras pessoas e está, por

isso, associado ao locus de controlo externo (Hewitt & Flett, 1991). Não obstante, investigações mais recentes mostraram que o perfeccionismo internamente motivado parece ser mais prevalente (Stoeber & Stoeber, 2009). Baseados nas três dimensões que enunciaram, os autores desenvolveram uma EMP composta por 45 itens divididos em 3 subescalas (Hewitt & Flett, 1991; Hewitt, Flett, Turnbull-Donovan, et al., 1991). Em 2004, também Hill e seus colaboradores, inspirados por achados anteriores que sugeriram a existência de fatores de ordem superior, propuseram um modelo de perfeccionismo no qual as facetas do construto são combinadas em dois domínios: (1) perfeccionismo consciencioso (adaptativo) e (2) perfeccionismo auto-avaliativo (mal-adaptativo). Estas designações foram escolhidas pelos autores dada similaridade conceptual com os fatores Conscienciosidade e Neuroticismo do Modelo dos Cinco Fatores da personalidade. A análise fatorial que confirma o modelo foi realizada através da avaliação da estrutura das oito escalas que compõem o inventário do perfeccionismo desenvolvido e validado por estes autores. Este inventário, além dos construtos já representados nas EMP de Frost e de Hewitt e Flett, inclui itens que avaliam o planeamento e a ruminação, resultando num instrumento que os autores defendem ser conceptualmente mais compreensivo e abrangente (Hill et al., 2004). Devido, entre outros aspetos, ao stress e consumo de atenção que acarreta para os indivíduos perfeccionistas (Frost et al., 1990; Hollender, 1965), a faceta mal-adaptativa tem sido comumente associada ao desenvolvimento de psicopatologia (Kamushadze et al., 2021; Rice et al., 1998). Não obstante, consoante as características expressas, o perfeccionismo pode ter potenciais efeitos negativos ou positivos em vários fatores psicológicos (Stoeber & Otto, 2006). De facto, há estudos que apontam que o PSP se correlaciona positivamente com o Neuroticismo (Habke & Flynn, 2002; Smith et al., 2019; Stoeber et al., 2009) e negativamente com a autoestima (Campbell & Paula, 2002; Smith & Chen, 2020), assim como parece estar associado a falta de clareza no que concerne ao autoconceito. Por outro lado, as relações encontradas entre o PAO e os outcomes

psicológicos que dele podem advir não são tão homogêneas (Stoeber & Otto, 2006)). Assim, nas investigações em que este tipo de perfeccionismo é apontado como mais adaptativo, na medida em que mantém a pessoa focada e motivada para a realização dos seus objetivos e metas (Campbell & Paula, 2002), o PAO surge associado a níveis mais elevados de Conscienciosidade (Habke & Flynn, 2002; Smith et al., 2019; Stoeber et al., 2009), autoestima e persistência (verificando-se uma associação positiva semelhante entre essas variáveis e a dimensão PP da EMP-F) (Campbell & Paula, 2002). Todavia, Stoeber e Otto (2006) ressaltam que o PAO é positivo desde que a pessoa não se preocupe em demasia com os erros ou com o julgamento alheio negativo. A título de exemplo, alguns dos outcomes negativos associados ao PAO são a ideação suicida, dificuldades nas realizações acadêmicas e perturbações do foro alimentar (Smith et al., 2019).

Perspetiva psicodinâmica

“Discussing the psychodynamics of perfectionism is like teasing out a single thread from the intricate pattern of a fabric” (Hollender, 1965, p. 97).

Alguns teóricos proeminentes advogam que, à semelhança de outros traços da personalidade, o perfeccionismo é aprendido durante a infância e destacam como fatores que propiciam o seu desenvolvimento: a insegurança sentida por uma criança sensível, o que, por sua vez, intensifica a sua necessidade de aceitação, por exemplo, por parte dos pais; pais difíceis de agradar ou incapazes de transmitir amor incondicional, isto é, cuja reação/resposta está dependente do desempenho da criança e não do seu valor intrínseco (de tal modo que as pessoas perfeccionistas sentem que os padrões e expectativas dos seus pais são impossíveis de alcançar, mas, simultaneamente, temem perder a sua aprovação e amor caso não consigam atingir o patamar de desempenho esperado) (Burns, 1980; Frost et al., 1990; Hollender, 1965; Pacht, 1984); rivalidade entre irmãos (Hollender, 1965). Por conseguinte, as exigências e

atitudes parentais contribuem para a internalização da vontade de agradar tornando-se parte do ego-ideal da pessoa o que justifica o perpetuar da demanda por perfeição que, posteriormente, advém do próprio. Não obstante, quando o padrão opressivo se torna inoportuno, alguns indivíduos poderão ter tendência a imputar a responsabilidade das exigências a outra pessoa. Além disso, a pressão que colocam sobre si mesmos agrava as dificuldades que os indivíduos perfeccionistas têm em tolerar a pressão externa adicional. De facto, Hollender (1965) refere que, enquanto adultos, estas pessoas terão dificuldades em aceitar elogios, acreditando que a pessoa que lhe os dirige não é sincera, é acrítica ou está enganada. Porém, quando sentem que estão a falhar, a autocrítica torna-se tão insuportável que projetam essas críticas nos outros assumindo que estes os desaprovam com base no seu fraco desempenho: “His dread of people talking about him is his dread of self-belittlement or self-condemnation” (Hollender, 1965, p.99). Missildine, 1963, citado em Hollender (1965), refere que os adultos que sofreram o resultado do perfeccionismo na infância tendem a ser inteligentes, bem-educados e a estar economicamente melhor do que a maioria das pessoas, sentindo-se, ainda assim, insatisfeitos com as próprias realizações e estando sempre em busca de melhores resultados (pois dependem deles para se sentirem aceites, adequados e boas pessoas). Da mesma forma, falhar no alcance dos objetivos a que se propõem pode resultar em vergonha, sobretudo, quando, segundo Engel (1962) citado em Hollender, 1965, os padrões autoimpostos são particularmente elevados e os sentimentos de onipotência da primeira infância são projetados nas figuras parentais que exigiram determinado desempenho como condicionante para o amor. Nestes casos a vergonha envolverá, portanto, o sentimento de que se é alguém incapaz de ser amado/não se é merecedor de amor (Hollender, 1965). Ademais, equaciona-se que a busca pela aprovação e reconhecimento parentais durante a infância tenha feito com que estes indivíduos, com frequência, reprimissem os seus impulsos sexuais e agressivos, pelo que, na idade adulta, muitos terão dificuldades em lidar com a sua hostilidade. Adicionalmente, a constante

desilusão com os resultados alcançados e as exigências colocadas sobre si mesmos podem tornar-se demasiado opressoras, resultando em perda de esperança, depressividade e oscilações de humor (Hollender, 1965). Em suma, Hollender (1965) defende que o perfeccionismo resulta quer do esforço investido na criação de uma melhor imagem e sentimentos mais positivos acerca de si mesmo quer da expectativa/esperança de obter dos outros certas respostas ou provisões. Autores como Brantman e Bergler, 1955, consideraram o perfeccionismo como uma variante do comportamento obsessivo-compulsivo relacionando-o com o masoquismo oral. Todavia, Hollender, 1965, defende que, embora possam coexistir, a compulsividade e o perfeccionismo são claramente distintos: desde logo porque os perfeccionistas não consideram o seu padrão de funcionamento como irracional e os seus comportamentos, ainda que extremistas, são, por norma, adequados e dirigidos para objetivos. Ademais, na visão do autor, em termos de desenvolvimento psicosssexual, o perfeccionismo e a compulsividade corresponderiam, respetivamente, à expressão dos anseios de dependência - que refletem dificuldades no estágio oral - e à batalha contra os impulsos sádicos e sujos - indicador de contratemplos no estágio anal do desenvolvimento (Hollender, 1965).

Autoestima

O aspeto emocional ou afetivo do *self* designado por autoestima refere-se ao modo como as pessoas se valorizam e se sentem a respeito de si mesmas podendo, por isso, considerar-se uma avaliação de componentes específicos do autoconceito (Gecas, 1982; Huitt, 2018; Weiner, 1985). Por seu turno, conceptualiza-se o autoconceito como sendo uma estrutura dinâmica (Harter, 1988), complexa (Purkey, 1988; Shavelson et al., 1976), hierarquizada e multifacetada que corresponde à perceção abrangente - crenças, atitudes e opiniões - que cada indivíduo tem acerca de si próprio (Craven & Marsh, 2008; Shavelson & Bolus, 1982). Dado que o desenvolvimento e consolidação do autoconceito ocorrem através das interações que o

indivíduo estabelece com o ambiente envolvente (Huitt, 2018; Shavelson et al., 1976) e que, por sua vez, este se reflete nas relações interpessoais das quais resulta, vários autores defendem que o autoconceito e, por corolário, a autoestima, podem ser modificados (Huitt, 2018).

Em 1965, a propósito da escala de autoestima que desenvolveu, Morris Rosenberg clarificou que a conotação refletida nos itens da sua escala corresponde ao sentido de valor e de respeito que a pessoa atribui a si mesma (Rosenberg, 1965). Assim, sob esta conotação, uma pessoa com autoestima elevada autoperceciona-se como sendo boa o suficiente, sentindo-se alguém de valor e respeitando-se por aquilo que é, sem que, contudo, se sinta necessariamente superior aos demais. De maneira oposta, alguém com uma baixa autoestima sentir-se-á insatisfeito consigo e tenderá a desvalorizar-se e a desrespeitar-se (Rosenberg, 1965; Santos & Maia, 2003). Todavia, importa salientar que é possível distinguir a autoestima explícita da autoestima implícita (Koole & DeHart, 2007). Assim, enquanto a autoestima explícita - correspondente à vulgarmente conceptualizada e mensurada pelas escalas de autorresposta tradicionais, como a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR) - traduz uma autoavaliação consciente e deliberada do *self*, a implícita é vista, no geral, como uma avaliação não intencional, não consciente e enraizada (Bosson et al., 2000; Greenwald & Banaji, 1995). Contrariamente ao que poderia pensar-se, os valores da correlação verificados entre os dois tipos de autoestima conceptualizados oscilam entre zero e fracamente positivos (Bosson & Swann, 2009; Zeigler-Hill, 2006).

Mediante a análise do trabalho de outros autores, Sorotzkin (1985) concluiu que, tanto na conceção cognitiva como na psicanálise clássica, a baixa autoestima associada ao perfeccionismo é resultante de um superego demasiado rígido. Não obstante, a psicologia psicodinâmica oferece diferentes explicações para este facto.

Ciúme

O ciúme relativo às relações sociais caracteriza-se por um sofrimento emocional difuso (Pines & Aronson, 1983; Salovey & Rodin, 1988; White, 1981) que surge quando a pessoa percebe que um relacionamento por si valorizado pode estar sob ameaça - real ou imaginária - devido a outra pessoa (DeSteno et al., 2006; Salovey & Rodin, 1988). Inclusive, existe literatura que sustenta o facto de o ciúme aparecer como uma resposta à exclusão percebida (Leary, 1990; White, 1981) e, como tal, pode ser visto como uma reação de proteção da relação ameaçada (Pines & Aronson, 1983; DeSteno et al., 2006) ou como uma estratégia de coping para lidar com o desprazer provocado pela ameaça (White, 1981a). Não obstante, pessoas ciumentas tendem a atribuir essa sua característica a uma disposição da personalidade em detrimento de circunstâncias situacionais (Melamed, 1991; Pines & Aronson, 1983). Além do mencionado, é comum os autores que se debruçam sobre o tópico fazerem a distinção entre o ciúme romântico e o ciúme sentido noutra tipo de relações importantes para a pessoa (Pines & Aronson, 1983). White (1981) propõe uma definição para o ciúme romântico que enfatiza a complexidade dos pensamentos, sentimentos e comportamentos envolvidos na resposta à percepção do risco que corre a relação existente, a qualidade da relação e/ou a autoestima do indivíduo dentro dessa relação, perante a atração - potencial ou real - do parceiro por uma rival (que pode ou não existir) (White, 1981a, b). Para além disso, avança que o grau com que a ameaça inferida é percebida está dependente de características da pessoa e da relação, o que, aliado ao medo da perda ou deterioramento dessa relação considerada pelo indivíduo como crucial, está na raiz da intensidade do ciúme (White, 1981a). Na análise conceptual de White, o ciúme seria, portanto, constituído por 3 componentes: pensamentos, sentimentos e comportamentos de coping. Este autor advoga, ainda, que as emoções seguir-se-iam sempre à avaliação cognitiva da ameaça e que para uma determinada pessoa ciumenta a resposta, isto é, o padrão de interrelação entre os componentes do ciúme, seria de algum modo estável e

duradouro (White, 1981b). Apesar de concordarem com a natureza multidimensional do ciúme, os investigadores Pfeiffer e Wong defendem que a natureza dos componentes que lhe são subjacentes é diferente da apresentada por White. Assim, em 1989, recorrendo à noção de Zajonc (1980) de que as emoções são primárias e podem ocorrer sem mediação cognitiva, Pfeiffer e Wong propuseram um novo modelo - interativo paralelo - no qual defendem que o ciúme pode englobar elementos irracionais. Além disso, para a componente cognitiva do ciúme, White enfatizou a importância da avaliação situacional no momento, ao passo que Pfeiffer e Wong deram destaque ao facto de as suspeitas e preocupações relativas à infidelidade do companheiro poderem surgir na ausência de uma ameaça real. Ademais, o modelo de Pfeiffer e Wong diferencia-se do modelo racional de White ao explicar os comportamentos associados ao ciúme como medidas de deteção (por exemplo, questionamentos ao parceiro ou mexer nos seus pertences) ou de proteção (exemplificando, depreciar a rival ou intrometer-se entre o parceiro e a rival enquanto estes conversam) que a pessoa assume quando presente rivais - reais ou imaginárias - do relacionamento. Em suma, o modelo multidimensional do ciúme proposto por Pfeiffer e Wong assenta nas premissas de que todos os componentes podem ocorrer em simultâneo e interagir uns com os outros. Adicionalmente, neste modelo cada componente pode abarcar a vertente normal ou patológica do ciúme (Pfeiffer & Wong, 1989). Assim, alicerçados nestes pressupostos, os autores desenvolveram a Escala Multidimensional de Ciúme (EMC-P&W) que avalia, separadamente, as dimensões cognitiva (respeitante às preocupações, suspeitas e rumações decorrentes da perceção da ameaça), emocional (intenta avaliar os sentimentos negativos que advêm da ameaça percebida) e comportamental (averigua a presença de comportamentos motivados pelo ciúme, os quais evidenciam a presença de ciúme cognitivo e emocional) do ciúme (Lucas et al., 2012; Pfeiffer & Wong, 1989). No modelo transaccional do ciúme proposto por Bringle, em 1991, as dimensões cognitiva e comportamental avaliadas pela EMC de Pfeiffer e Wong representam diferentes aspetos do

ciúme suspicaz e a subescala emocional caracteriza o ciúme do tipo reativo (Attridge, 2013). Esta operacionalização é consonante com os estudos que reportam que, subjacente ao ciúme, poderá advir uma série de *outcomes* relacionais positivos ou negativos, não sendo o ciúme apenas bom ou mau (Andersen et al., 1995).

Modelo dos Cinco Fatores

O Modelo dos Cinco Fatores constitui uma conceitualização que conjectura que os traços de personalidade podem ser organizados num conjunto de cinco grandes fatores ou dimensões. Prevalente dentro da área da psicologia e largamente aceite como representativo da estrutura de ordem superior dos traços de personalidade, este modelo compreende 5 domínios amplos do funcionamento geral da personalidade: Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade. Mediante o estudo e análise destes fatores, é possível obter uma descrição mais detalhada do *self* da pessoa e do seu funcionamento, o que poderá ser benéfico para a intervenção na medida em que permite ajustá-la às características da pessoa (Cervone & Pervin, 2019).

Dado que os fatores da personalidade Neuroticismo (N) e Conscienciosidade (C) são aqueles cujos estudos reportam associações mais fortes e consistentes com as dimensões do perfeccionismo (Smith et al., 2019), no presente trabalho, atendendo ao número de variáveis em estudo, optou-se por administrar apenas estas duas subescalas. Em contraste com o que caracteriza a estabilidade emocional, pessoas com elevados níveis de N pautam-se por sentimentos de inadequação, nervosismo, insegurança, preocupação e emocionalidade excessivas (Cervone & Pervin, 2019) e, na literatura, têm sido apresentadas associações consistentes entre este domínio e o ciúme romântico (Richter et al., 2022). No que respeita à C, esta dimensão descreve o comportamento orientado para o alcance de objetivos e metas. Por isso, a sua mensuração permite distinguir os indivíduos desleixados, preguiçosos e desistentes

daqueles que são persistentes, exigentes, organizados e escrupulosos, nomeadamente, do ponto de vista do controlo dos impulsos e na perseguição dos seus objetivos (Costa & McCrae, 1992; Cervone & Pervin, 2019). Um nível elevado de C tem sido associado às dimensões O e PP avaliadas pela EMP-F, ao PAO mensurado pela EMP-H&F – dimensões do perfeccionismo consideradas potencialmente mais positivas (Rice et al., 2007) - e, também, ao vício do trabalho e a tendências obsessivas-compulsivas (Carter et al., 2015). Não obstante, apesar da literatura reportar tendencialmente uma relação positiva entre a C e o PAO e entre o N e o PSP (Kamushadze et al., 2021; Rice et al., 2007; Stoeber et al., 2009), o padrão de correlações apresentados nos diferentes estudos é inconsistente, em particular, no que concerne à correlação entre o N e o PAO (Stoeber et al., 2009).

Vinculação dos adultos

Inicialmente, a investigação levada a cabo no âmbito da vinculação dos adultos assentava na conceptualização das representações mentais dos relacionamentos - modelos de trabalho interno - como algo relativamente estável e geral (Fraley, Heffernan et al, 2011). Além disso, as diferenças individuais no modo como as pessoas abordam as relações próximas baseavam-se na premissa de que os estilos ou orientações de vinculação eram categóricos (Fraley, Hudson et al., 2015) e transversais a vários contextos relacionais (Bowlby, 1977; Fraley, Heffernan et al, 2011; Fraley, Hudson et al., 2015). De facto, tais representações respeitantes ao próprio (modelo do *self*) e a pessoas significativas (modelo dos outros), construídas no decurso de vivências interpessoais passadas, em particular, das experiências precoces com os cuidadores principais, desempenham um papel importante na análise e entendimento das relações (Bartholomew & Shaver, 1997; Bowlby, 1977). No entanto, sabe-se que existe variabilidade no que concerne às expectativas e crenças que um determinado indivíduo tem acerca de diferentes pessoas que fazem parte do seu círculo social (Baldwin et

al., 1996; Fraley, Heffernan et al, 2011). Posto isto, também o modo como se conecta com essas pessoas tenderá, em certa medida, a ser diferente, pressupondo-se, por consequência, que os modelos de trabalho mobilizados são distintos (Fraley, Heffernan et al, 2011) e que há, no decurso da vida adulta e no contexto de novas relações significativas e de eventos de relevo associados, espaço para reformulação das concepções adquiridas no âmbito das experiências relacionais passadas (Canavarro et al., 2006). Contudo, na medida em que as relações românticas constituem relações de vinculação (Attridge, 2013; Fraley & Shaver, 2000), as representações mentais regulam se e como se experiencia o ciúme (Guerrero, 1998). Posto isto, atendendo às diferenças características de cada estilo de vinculação no que concerne ao padrão de comunicação e de expressão das emoções, as cognições, comportamentos e emoções que emergem do ciúme romântico tendem a diferir qualitativamente consoante a orientação de vinculação da pessoa. Além disso, segundo Bowlby, 1977, quanto mais intensa for a relação e as emoções emergentes no decurso da mesma, maior é a probabilidade de os modelos internos mais precoces e menos conscientes serem predominantemente ativados (Bowlby, 1977). Sumarizando, embora se constate que, de facto, o estilo de vinculação é relativamente estável, com o estabelecimento de novas relações é possível que oscile ou mude (Sharpsteen & Kirkpatrick, 1997; Zhang & Labouvie-Vief, 2004). Efetivamente, a literatura indica que o estilo de vinculação precoce não esclarece parte da variância verificada no estilo de vinculação do adulto (Zhang & Labouvie-Vief, 2004). Apesar disso, outros autores sugerem que as representações mentais dos pais, quando comparadas com as do companheiro, tendem a ser acionadas de modo mais indiscriminado (Brumbaugh & Fraley, 2007). Posto isto, os instrumentos de medida que têm vindo a ser desenvolvidos nesta área têm subjacentes diferentes concepções da vinculação (Canavarro et al., 2006; Fraley, Heffernan, et al, 2011). Por exemplo, o instrumento de autorresposta Experiências nas Relações Próximas, que avalia a vinculação romântica no adulto, mede duas dimensões primárias subjacentes à vinculação - o

evitamento e a ansiedade relacionados com a vinculação - para as quais a investigação das últimas décadas tem convergido e que são consistentes com o teorizado por Bowlby (Sibley et al., 2005). Neste contexto, o evitamento indica o desconforto perante a intimidade e a proximidade inerentes à relação, a falta de confiança nas boas intenções do companheiro e os consequentes esforços para manter a independência e a distância emocional em relação a ele. Quanto à ansiedade na vinculação, esta caracteriza-se por medo do abandono e sensibilidade à rejeição e reflete o grau de preocupação da pessoa no que concerne à disponibilidade e apoio que o companheiro lhe pode proporcionar em caso de necessidade (Fraley & Shaver, 2000). A literatura aponta para um funcionamento intra e interpessoal mais satisfatório em indivíduos que se caracterizam por baixos níveis de evitamento e de ansiedade (Moreira et al., 2014). De facto, a demanda por proximidade em excesso, o desejo de controlo sobre o companheiro, de limitação da sua autonomia e, entre outras coisas, de hipersensibilidade à falta de atenção por parte deste relacionam-se com níveis elevados de ansiedade na vinculação romântica.

Objetivos

Partindo da teoria da exclusão social proposta por Baumeister e Tice em 1990, Leary (1990) defende que as ameaças à inclusão podem manifestar-se sob a forma de baixa autoestima e ciúme, entre outras reações disfóricas (Leary, 1990). Ademais, vários autores advogam que, comparativamente com indivíduos cuja autoestima é elevada, pessoas com baixa autoestima experienciam com mais frequência estados depressivos (Rosenberg & Owens, 2001), isolamento, ansiedade social (Leary, 1990) e ciúme (Jaremko & Lindsey, 1979). Adicionalmente, algumas conceptualizações realçam as ameaças à autoestima como um fator do ciúme nas relações românticas (White, 1981b) e outros estudos sugerem um papel mediador para tais ameaças (DeSteno et al., 2006). Posto isto, um dos objetivos desta investigação passa por analisar a relação entre a autoestima e o ciúme, uma vez que vários autores indicam a existência de uma correlação negativa entre os dois (Mullen & Martin, 1994; Jaremko & Lindsey, 1979; Peretti & Pudowski, 1997; Stewart & Beatty, 1985). Todavia, há teóricos que advogam que o *status* e a duração da relação têm um papel moderador na correlação entre estes dois construtos. Além disso, pessoas muito ciumentas tendencialmente são inseguras, neuróticas, dependentes e, entre outras coisas, propendem a autodepreciar-se (Melamed, 1991). Deste modo, atendendo ao perfil de caracterização dos sujeitos cuja ansiedade na vinculação é elevada, espera-se que esta dimensão esteja correlacionada com o ciúme, o qual, por sua vez, tenderá a estar, também, associado a traços neuróticos da personalidade. Ademais, uma vez que a baixa autoestima parece ser uma consequência inevitável do perfeccionismo considerado mal-adaptativo (Ashby & Rice, 2002; Burns, 1980; Horney, 1950; Sorotzkin, 1985) e que, sequentemente, uma autoestima elevada poderá funcionar como tampão para os efeitos indesejados desse tipo de perfeccionismo (Rice et al., 1998), almeja-se explorar, também, a relação entre a autoestima e as dimensões do perfeccionismo mensuradas pela EMP-F e pela EMP-H&F. Por fim, o objetivo passa por averiguar se existe relação entre o perfeccionismo e

o ciúme, tendo como mediador a autoestima e, complementarmente, explorar como estes três construtos se relacionam com a C e com o N, bem como com as dimensões ansiedade e evitamento na vinculação dos adultos.

Hipóteses:

1. Analisar a presença de correlações entre os dois domínios da personalidade mensurados - N e C - e as diferentes variáveis em estudo:

H1: O Perfeccionismo Auto-orientado (PAO), assim como as dimensões Padrões Pessoais (PP) e Organização (O), relacionam-se positivamente com o fator C;

H2: O PAO correlaciona-se com o N;

H3: Entre o N e o Perfeccionismo Socialmente Prescrito (PSP) existe uma associação positiva;

H4: As componentes cognitiva e comportamental do ciúme correlacionam-se positivamente com o N;

2. Explorar se o perfeccionismo se relaciona com o ciúme através da Autoestima (AE), considerando as seguintes assunções:

H5: A AE correlaciona-se negativamente com o PSP e com a EMP-F Total;

H6: O PSP e o EMP-F Total associam-se de modo positivo com o ciúme;

H7: A AE e o ciúme relacionam-se de modo negativo;

3. Analisar a correlação entre as dimensões ansiedade e evitamento na vinculação, em particular, os dados referentes ao companheiro, e o ciúme.

H8: Existe uma relação estatisticamente significativa entre a dimensão ansiedade na vinculação ao companheiro e o ciúme.

Metodologia

Participantes

A amostra do presente estudo trata-se de uma amostra não probabilística por conveniência, constituída por 163 sujeitos da população falante portuguesa (83.4% mulheres) com idades compreendidas entre os 18 e os 62 anos ($M = 27.09$, $DP = 10.31$). A maioria dos participantes é estudante (58.3%) e solteiro (76.1%). Não obstante, todas as pessoas que integram o estudo estavam numa relação amorosa ou tinham tido algum relacionamento romântico no passado. O tempo de duração do relacionamento varia entre 1 mês e 42 anos. No que respeita ao nível de escolaridade completo, 38.7% da amostra tem o secundário e 36.8% a licenciatura. As características sociodemográficas dos participantes encontram-se descritas na Tabela 1 e o grau de satisfação com o relacionamento amoroso na Tabela 2.

Tabela 1*Caracterização Sociodemográfica da Amostra*

Dados Sociodemográficos		N = 163
Idade		
	[M (DP)]	27.09 (10.31)
	Min-Máx	18 - 62
Género		
	Feminino [n (%)]	136 (83.4%)
	Masculino [n (%)]	24 (14.7%)
	Não binário [n (%)]	3 (1.8%)
Estado Civil		
	Solteiro(a) [n (%)]	124 (76.1%)
	Casado(a)/União de Facto [n (%)]	33 (20.2%)
	Divorciado(a)/Separado(a) [n (%)]	6 (3.7%)
Orientação Sexual		
	Heterossexual [n (%)]	137 (84.0%)
	Homossexual [n (%)]	4 (2.5%)
	Bissexual [n (%)]	16 (9.8%)
	Outro [n (%)]	6 (3.7%)
Zona de Residência		
	Norte [n (%)]	39 (23.9%)
	Centro [n (%)]	90 (55.2%)
	Grande Lisboa [n (%)]	16 (9.8%)
	Algarve [n (%)]	3 (1.8%)
	Regiões Autónomas [n (%)]	2 (1.2%)
	Emigrante [n (%)]	13 (8.0%)
Nacionalidade		
	Portuguesa [n (%)]	138 (84.7%)
	Brasileira [n (%)]	19 (11.7%)
	Dupla nacionalidade [n (%)]	2 (1.2%)
	Outra [n (%)]	4 (2.4%)

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica da amostra

Profissão		
Estudante [n (%)]		95 (58.3%)
Trabalhador-estudante [n (%)]		26 (15.9%)
Especialista das atividades intelectuais e científicas [n (%)]		20 (12.3%)
Trabalhador não qualificado [n (%)]		2 (1.2%)
Diferentes categorias profissionais [n (%)]		20 (12.3%)
Nível de Escolaridade		
Até ao 3º ciclo [n (%)]		3 (1.8%)
Secundário [n (%)]		63 (38.7%)
Bacharelato [n (%)]		5 (3.1%)
Licenciatura [n (%)]		60 (36.8%)
Mestrado [n (%)]		29 (17.8%)
Doutoramento [n (%)]		3 (1.8%)

Tabela 2

Grau de Satisfação com o Relacionamento Amoroso (Atual ou com o Último)

Grau de satisfação	n (%)
Muito satisfeito(a)	64 (39.3%)
Satisfeito(a)	48 (29.4%)
Mais ou menos satisfeito(a)	27 (16.6%)
Pouco satisfeito(a)	18 (11%)
Nada satisfeito(a)	6 (3.7%)
Total	163 (100%)

Procedimentos

A recolha dos dados foi feita presencialmente e online, respetivamente, junto de alunos do 1º ano do curso Licenciatura em Psicologia na FPCEUC ($n = 52$) e através do preenchimento na plataforma Google Forms® solicitado em diferentes grupos do Facebook® ($n = 111$), entre janeiro e abril de 2022. Em ambos os casos, a participação foi voluntária e a confidencialidade das respostas individuais garantida.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico

Construído com o intuito de caracterizar a amostra e permitir o levantamento da informação necessária à exploração e análise dos objetivos inicialmente propostos para o estudo. Incluiu, entre outros dados, questões relativas ao género, idade, zona de residência, escolaridade, estado civil e duração do relacionamento amoroso.

EMP de Hewitt e Flett

A versão portuguesa desta escala foi traduzida e validada por Soares, Gomes, Macedo, Santos e Azevedo em 2003. Baseada na escala original de Hewitt e Flett (1991) e na versão francófona do Quebeque (1999), a adaptação portuguesa, à semelhança da escala original, é composta por 3 subescalas, perfazendo um total de 45 itens. Estas subescalas correspondem às três dimensões do perfeccionismo enunciadas por Hewitt e Flett (1991): Perfeccionismo Auto-Orientado (PAO) (exemplo de item: “Quando estabeleço os meus objetivos, tendo para a perfeição.”), Perfeccionismo Orientado para os Outros (POO) (e.g. “É-me indiferente que um bom amigo não tente fazer o seu melhor.”) e Perfeccionismo Socialmente Prescrito (PSP) (e.g., “Tudo o que eu faça que não seja excelente, será julgado de má qualidade pelas pessoas que me rodeia.”). Cada item tem 7 opções de resposta numa escala de tipo Likert que vai desde *Discordo completamente* a *Concordo completamente*, sendo a cotação feita através da soma dos pontos de cada questão (pontuadas numa escala de 1 a 7, com 19 dos 45 itens cotados no

sentido inverso). Quanto maior for a pontuação obtida, mais elevados serão os níveis de perfeccionismo (Soares et al., 2003). Na presente investigação, dado o número de instrumentos de avaliação utilizados, optou-se por administrar a versão portuguesa de 13 itens (Soares, Marques, et al., 2017). Não obstante, nesta versão reduzida continua a haver afirmações representativas das 3 subescalas anteriormente mencionadas (Soares et al., 2016), apresentando as dimensões PAO, PSP e POO um alfa de Cronbach de .89, .73 e .67, respetivamente (Soares, Marques, et al., 2017).

EMP de Frost

A par com a EMP de Hewitt e Flett (1991), a EMP de Frost (1990), composta por 35 itens, é um dos instrumentos mais utilizados para avaliar o perfeccionismo. O processo de tradução da escala original, feito através do método de retrotradução, seguiu uma série de passos até à obtenção da versão Portuguesa ajustada: tradução por dois psiquiatras fluentes em ambas as línguas e a familiarizados com o processo subjacente à tradução deste tipo de instrumentos de avaliação; retradução do instrumento por uma pessoa bilingue externa ao projeto; discussão da escala por três profissionais ingleses especialistas em avaliação psicológica, nomeadamente, no que concerne à equivalência linguística e conceptual entre as duas escalas e discussão das discrepâncias com revisores independentes à equipa de investigação. Do processo descrito, resultou a versão portuguesa, desenvolvida por Amaral e colaboradores, em 2013, que, tal como a original, possibilita medir as 6 dimensões do perfeccionismo conceptualizadas por Frost e colaboradores (1990): Padrões Pessoais (PP), Preocupação com os Erros (PE), Dúvidas Acerca das Ações (DAA), Criticismo Parental (CP), Expectativas Parentais (EP) e Organização (O). A amplitude dos resultados obtidos na EMP-F varia entre 35 e 175, sendo cotada com recurso a uma escala de Likert de 5 pontos variáveis entre 1 - *Discordo fortemente* e 5 - *Concordo fortemente*. Quanto maior for o valor total resultante da aplicação da escala, maior será o nível de perfeccionismo do respondente (Amaral

et al., 2013). A versão utilizada neste estudo foi a EMP-F de 24 itens, cuja consistência interna para a escala total, averiguada através do alpha de Cronbach, é de .83 (Soares, Azevedo et al., 2017).

Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR)

A EAR, desenvolvida por Moris Rosenberg em 1965, é um dos instrumentos mais utilizados quando se pretende avaliar a autoestima global. No contexto cultural português, esta escala foi preliminarmente adaptada para a faixa etária da adolescência por Santos e Maia, em 2003. Na adaptação e validação preliminar procurou-se obter equivalência linguística relativamente aos itens originais, mas, simultaneamente, atender a diferenças culturais no que concerne ao modo como as ideias são expressas (evitando uma tradução demasiado literal). De modo análogo à versão original, a versão portuguesa da EAR é composta por 5 itens de orientação positiva e outros 5 de orientação negativa - cotados de modo invertido, completando um total de 10 itens. Nesta versão, a escala é de tipo Likert com 4 possibilidades de resposta: 4 - *Concordo Fortemente*; 3 - *Concordo*, 2 - *Discordo*, 1 - *Discordo Fortemente*, oscilando o resultado total possível entre 10 e 40. Pontuações mais altas correspondem a níveis mais elevados de autoestima, o que significa que tais indivíduos se respeitam mais por aquilo que são e consideram-se pessoas de valor (Santos & Maia, 2003). A consistência interna da adaptação portuguesa foi de 0.78 numa amostra de adolescentes (Santos & Maia, 2003) e de 0.82 numa amostra de estudantes universitários (Santos, 2008).

Escala Multidimensional de Ciúme (EMC) de Pfeiffer e Wong (1989)

A EMC permite avaliar separadamente as componentes cognitiva, emocional e comportamental do ciúme (refletindo, desse modo, a visão multidimensional do constructo proposta pelos seus autores). De modo semelhante, a versão portuguesa, adaptada e validada para a população por Lucas, Pereira e Esgalhado, em 2012, apresenta uma estrutura fatorial

composta pelas 3 dimensões teorizadas. No entanto, apresenta um número inferior de itens (18 itens em contraponto com os 24 da versão original de Pfeiffer e Wong). Os itens, classificados numa escala do tipo Likert de 5 pontos, variam entre 1 - *Nunca* e 5 - *Sempre* nas subescalas correspondentes às dimensões cognitiva e comportamental e entre 1 - *Muito bem* e 5 - *Muito mal* na subescala que avalia o ciúme emocional. Os valores do alfa de Cronbach para as subescalas foram de .92 na escala relativa ao ciúme cognitivo, .86 na referente ao ciúme emocional e .90 na subescala ciúme comportamental. Para a escala total o alfa de Cronbach observado foi de .86. Quanto mais elevada for a pontuação obtida, maior será o nível de ciúme percebido pelo sujeito (Lucas et al., 2012).

NEO-FFI (NEO-Five Factor Inventory; Costa & McCrae, 1989)

Versão reduzida do NEO-PI-R. As adaptações deste instrumento em diferentes países têm revelado valores de consistência interna que tornam a sua aplicabilidade promissora em diferentes contextos, no que concerne à avaliação das dimensões primárias da personalidade propostas pelo Modelo dos Cinco Fatores (Pedroso-Lima et al., 2014). À semelhança da versão original, a versão portuguesa do NEO-FFI é composta por 60 itens divididos em 5 subescalas correspondentes aos 5 domínios. As afirmações correspondentes aos itens são respondidas utilizando uma escala de tipo Likert de 5 pontos variável entre: 0 - *Discordo Fortemente*; 1 - *Discordo*; 2 - *Neutro*; 3- *Concordo*; 4- *Concordo Fortemente*. Deste modo, a pontuação total máxima possível é de 300 pontos, sendo que, quanto maior for a pontuação obtida para cada fator, mais evidente será a presença da respetiva dimensão na personalidade do sujeito. O tempo de resposta da escala completa é de aproximadamente 15 minutos. Porém, no presente trabalho, dados os objetivos estabelecidos e a robustez das dimensões da versão portuguesa, administraram-se apenas os itens correspondentes às subescalas N e C, cuja consistência interna na versão portuguesa é de .81 para ambas (Magalhães et al., 2014; Pedroso-Lima et al., 2014).

Experiências nas Relações Próximas - Estruturas Relacionais (ERP-ER)

Originalmente desenvolvido, em 2011, por Chris Fraley, Marie E. Heffernan, Amanda M. Vicary e Claudia Chloe Brumbaugh, este questionário constitui um dos mais recentes instrumentos para avaliar a vinculação em adultos, aferindo as dimensões ansiedade e evitamento na vinculação em diferentes relações próximas. A validação do ERP-ER para a população portuguesa foi levada a cabo pelas investigadoras da Universidade de Coimbra Helena Moreira, Teresa Martins, Maria João Gouveia e Maria Cristina Canavarro, em 2014. Esta versão, semelhantemente à original, constitui um questionário de autorresposta composto por 9 itens, passível de utilizar-se na avaliação do evitamento (itens 1 a 6, com os itens 1, 2, 3 e 4 a serem cotados de forma invertida; e.g. de um item, “Para mim é fácil confiar nesta pessoa.”) e da ansiedade (itens 7 a 9, e.g., “Tenho medo que esta pessoa possa abandonar-me.”) relacionados com a vinculação do indivíduo à mãe, ao pai, ao companheiro ou, ainda, ao melhor amigo (sendo a avaliação para cada figura relacional feita de modo separado, mas com recurso aos mesmos 9 itens). Os itens são mensurados numa escala de 7 pontos do tipo Likert, correspondendo 1 a *Discordo Fortemente* e 7 *Concordo Fortemente*. O score total de cada uma das subescalas resulta da média dos itens, variando, por isso, entre 1 e 7. A ansiedade e o evitamento respeitantes à relação a que se reportam os resultados serão tanto mais elevados quanto maior for o resultado obtido para cada um destes fatores. Adicionalmente, através da estimativa da média dos resultados obtidos nos quatro domínios (mãe, pai, companheiro e melhor amigo), é possível conseguir uma medida global das duas dimensões mensuradas (Moreira et al., 2014, 2016).

Análise de Dados

O programa usado para realizar a análise estatística dos dados foi o IBM SPSS Statistics (Statistical Package for the Social Sciences) versão 26 para Windows e a ferramenta PROCESS (Hayes, 2022). Atendendo ao carácter exploratório do estudo, realizaram-se correlações bivariadas de Pearson (r) entre praticamente todas as variáveis cuja relação tinha fundamento teórico. O coeficiente de correlação momento produto de Pearson varia entre -1 e 1 e, quanto mais próximo estiver de |1|, mais forte será a associação entre as variáveis (Bryman & Cramer, 2012). Na descrição e interpretação dos tamanhos do efeito das correlações usaram-se as diretrizes de Cohen (1988), ou seja, correlações próximas de .10 foram consideradas fracas, próximas de .30 moderadas e correlações de .50 ou superiores foram tidas como fortes (Cohen, 1988; Espírito Santo & Daniel, 2017).

Para averiguar se as variáveis em estudo seguem uma distribuição normal recorreu-se ao teste Kolmogorov-Smirnov. Nos casos em que o pressuposto da normalidade através do teste não se verificou, foram analisados os valores absolutos de assimetria e de curtose os quais, por serem respetivamente inferiores a 3 e a 10, demonstraram a ausência de enviesamentos severos face à distribuição normal (Kline, 2010). Ademais, para verificar se a via pela qual os questionários foram administrados interferiu de modo significativo na qualidade das respostas, procedeu-se à realização de vários testes t para amostras independentes entre os dois grupos - presencial e online. Algumas das variáveis sujeitas a este procedimento estatístico foram o N, a C, o PAO, o PSP, o perfeccionismo mensurado pela EMP-F (com e sem a dimensão Organização), a AE, o ciúme total e as dimensões ansiedade global na vinculação e evitamento global na vinculação. Para as variáveis analisadas, os resultados indicaram não existir diferenças estatisticamente significativas entre as médias do grupo presencial e do grupo online. Assim sendo, os dados dos dois grupos foram explorados conjuntamente.

Para o cumprimento do objetivo principal do estudo foram estimados dois de mediação simples (modelo 4; Hayes, 2022). A diferença entre os dois modelos reside no perfeccionismo considerado como variável independente: num foi o Perfeccionismo Socialmente Prescrito (PSP) e no outro o perfeccionismo total (contendo a dimensão O) mensurado pela EMP-F. Em ambos os modelos, a Autoestima (AE) foi considerada como sendo o mediador e o ciúme cognitivo a variável dependente. Adicionalmente, utilizou-se o procedimento de bootstrapping - com 5000 amostras - para calcular os efeitos indiretos. Este procedimento cria intervalos de confiança de 95%, considerando-se o efeito indireto estável e verdadeiro caso o zero não esteja contido no intervalo de confiança (IC).

Resultados

As estatísticas descritivas e as correlações bivariadas de Pearson calculadas entre o N, a C, as diferentes dimensões do perfeccionismo e a ansiedade e evitamento globais na vinculação estão apresentadas na Tabela 3. Com exceção da dimensão Expectativas Parentais (EP) com a qual não se associa, a C relaciona-se de modo estatisticamente significativo com as restantes dimensões do Perfeccionismo avaliadas pela EMP-F e com os três subtipos de perfeccionismo mensurados pela EMP-H&F. Especificamente, regista-se uma associação positiva forte com a dimensão O, associações de intensidade moderada com o PAO e com a dimensão PP e uma correlação positiva fraca com o POO. Assim, quanto mais elevada for a presença do traço de personalidade C, mais elevado será o PAO, o POO e as dimensões perfeccionistas PP e O (embora o incremento do aumento difira consoante a intensidade da associação entre o traço e a dimensão). Com as dimensões CP, PE e com o PSP as associações são negativas e fracas e com a dimensão DAA a correlação é negativa moderada. Quer isto dizer que quando a C aumenta as dimensões CP, PE, PSP e DAA diminuem. Ademais, constata-se uma relação positiva moderada, muito significativa do ponto de vista estatístico,

entre o fator C e a Autoestima. No que concerne ao fator N, verifica-se que este estabelece uma relação positiva fraca estatisticamente muito significativa com o PAO e uma associação positiva fraca, mas significativa do ponto de vista estatístico, com a dimensão CP. Com o PSP e com a dimensão PE a associação, muito significativa em termos estatísticos, é positiva moderada e com a dimensão DAA a correlação é igualmente positiva, mas forte. Além disso, o N estabelece uma correlação negativa forte, estatisticamente muito significativa, com a autoestima e uma associação positiva fraca, também muito significativa, com a dimensão ansiedade global na vinculação.

Relativamente ao PAO, ao PSP e ao POO constata-se que apenas o PSP se correlaciona de modo significativo com a AE, sendo a relação negativa moderada. Motivo pelo qual este foi o subtipo de perfeccionismo utilizado num dos modelos de mediação estatística explorados. No que se refere à correlação entre o perfeccionismo total (com e sem a dimensão organização) mensurado pela EMP-F, observa-se uma correlação moderada com a ansiedade global na vinculação e fraca com o evitamento global na vinculação. Especificamente, as dimensões PE e DAA associam-se positiva e fracamente com a dimensão evitamento global na vinculação. Quanto à ansiedade na vinculação, a dimensão PE correlaciona-se de modo positivo e fraco com a ansiedade ao companheiro e de modo moderado com a ansiedade global, enquanto DAA se correlaciona positiva e fracamente com a esta dimensão em ambos os domínios relacionais. Além disso, podemos observar que a dimensão CP se correlaciona de modo positivo e fraco com a ansiedade global e de modo positivo moderado com o evitamento global na vinculação. Porém, não se associa com essas dimensões quando mensuradas na vinculação ao companheiro. Já a dimensão EP relaciona-se positiva e fracamente quer com a ansiedade na vinculação ao companheiro, quer com a ansiedade global na vinculação. Todavia, os resultados para a nossa amostra indicam não haver correlação entre esta dimensão do perfeccionismo e o evitamento na vinculação.

Relativamente à AE, verifica-se que, com exceção da dimensão EP, esta se correlaciona de modo negativo e muito significativo com todas as dimensões do perfeccionismo consideradas na literatura como não adaptativas. Assim, tal como esperado, constata-se associações negativas moderadas com o PSP e com o CP e associações negativas fortes com as dimensões PE e DAA. A única dimensão que pode ser considerada adaptativa com a qual a AE estabelece uma associação estatisticamente (muito) significativa é a O, sendo esta correlação positiva de magnitude fraca. Além disso, a AE correlaciona-se de modo muito significativo com o N e com a C, sendo uma associação elevada e a outra moderada, porém, de sentido inverso (negativa com o N e positiva com a C). Em relação às dimensões ansiedade global na vinculação e evitamento global na vinculação, ou seja, cujo cálculo contempla os quatro domínios relacionais avaliados - mãe, pai, melhor amigo e companheiro, ambas as dimensões estabelecem uma correlação negativa muito significativa com a AE (moderada no caso da ansiedade e fraca com o evitamento).

Tabela 3

Médias, Desvios Padrão e Correlações entre a Conscienciosidade, o Neuroticismo, as Dimensões do Perfeccionismo, a Autoestima e as Dimensões Ansiedade e Evitamento Globais na Vinculação

	1	2	AE	Ansiedade na Vinculação	Evitamento na Vinculação	<i>M (DP)</i>
1. Conscienciosidade				—	—	
2. Neuroticismo	-.361**			.271**	—	
EMP-H&F						
PAO	.343**	.212**	—	.216**	—	32.36 (9.26)
PSP	-.202**	.453**	-.426**	.357**	.275**	13.59 (4.50)
POO	.265**	—	—	—	—	9.99 (2.58)
EMP-F						
PP	.358**	—	—	.191*	.165*	13.53 (3.75)
O	.518**	—	.243**	—	—	15.25 (3.45)
PE	-.217**	.480**	-.538**	.321**	.190*	10.41 (3.75)
DAA	-.350**	.604**	-.608**	.273**	.154*	11.15 (3.81)
CP	-.159*	.154*	-.330**	.359**	.451**	9.42 (4.61)
EP	—	—	—	.289**	—	10.60 (4.58)
EMP-F						
Total	—	.329**	-.379**	.403**	.288**	70.37 (15.06)
Total S/O	—	.356**	-.450**	.409**	.322**	55.12 (14.54)
AE	.483**	-.671**	—	-.348**	-.286**	28.71 (5.81)
<i>M(DP)</i>	32.02 (7.30)	27.03 (9.08)	28.71 (5.81)	2.92 (1.42)	2.74 (.93)	

Nota. EMP - Escala Multidimensional de Perfeccionismo, Total – somatório de todas as dimensões da EMP-F, Total S/O – somatório das dimensões da EMP-F com exclusão da dimensão Organização.

* $p < .05$ (2 extremidades), ** $p < .01$ (2 extremidades)

Em relação às correlações entre os domínios da personalidade e os componentes do ciúme avaliados pela EMC-P&W, como podemos observar na Tabela 4, verifica-se uma associação muito significativa do N com o ciúme cognitivo e, também, uma associação estaticamente significativa deste fator com o ciúme comportamental. Contudo, a força de ambas as correlações é fraca. No que concerne ao fator C, as associações significativas que estabelece são com o ciúme cognitivo e com o ciúme emocional, sendo as correlações, respetivamente, negativa fraca e positiva fraca. Adicionalmente, há uma correlação positiva fraca entre o PSP e o ciúme cognitivo e entre o PSP e o ciúme comportamental, sendo a

associação, respetivamente, muito significativa e significativa. No que concerne ao PAO, vemos que este se correlaciona de modo muito significativo com o ciúme emocional e que a associação entre ambos é positiva fraca. Ademais, verifica-se ainda uma associação significativa, positiva e fraca, com o ciúme comportamental. Quanto ao POO, constata-se que esta dimensão do perfeccionismo não se correlaciona com nenhum componente do ciúme mensurado pela EMP-P&W. No que respeita ao perfeccionismo multidimensional avaliado pela EMP-F, constata-se que estabelece com o ciúme cognitivo e comportamental associações positivas fracas. A única diferença identificada entre o cálculo com e sem a dimensão O é a significância da correlação, a qual é muito significativa no cálculo sem a dimensão O e significativa quando esta dimensão é tida em conta.

Em relação às correlações entre os domínios da personalidade e os componentes do ciúme avaliados pela EMC-P&W, verifica-se uma associação muito significativa do N com o ciúme cognitivo e, também, uma associação estaticamente significativa deste fator com o ciúme comportamental. Porém, a força de ambas as correlações é fraca. No que concerne ao fator C, as associações significativas que estabelece são com o ciúme cognitivo e com o ciúme emocional, sendo as correlações, respetivamente, negativa fraca e positiva fraca (ver Tabela 4).

Referentemente ao padrão de intercorrelações entre as dimensões da vinculação mensuradas pelo questionário Experiências nas Relações Próximas - Estruturas Relacionais (ERP-ER) para os diferentes domínios relacionais, observa-se que, no que concerne à intensidade e à direção, a maioria das correlações é similar às obtidas no estudo de validação do instrumento ERP-ER para a população portuguesa (Moreira et al., 2014). Contudo, registam-se algumas exceções, nomeadamente, no que concerne à correlação entre a dimensão evitamento ao pai e a ansiedade ao companheiro e à correlação entre a dimensão evitamento

ao companheiro e a dimensão evitamento ao pai, as quais, na amostra em estudo, não estabelecem entre si uma associação estatisticamente significativa. Ademais, no estudo de Moreira e colaboradores (2014) não se constatou uma relação estatisticamente significativa entre a dimensão evitamento na vinculação ao pai e a dimensão ansiedade na vinculação à mãe, nem entre as dimensões evitamento ao melhor amigo e a ansiedade ao companheiro (o que difere do obtido para a nossa amostra, uma vez que, embora fracas, tais correlações são uma delas significativa e a outra muito significativa do ponto de vista estatístico). Na presente investigação, a intensidade das intercorrelações oscila entre fraca e forte, estando a ansiedade ao companheiro mais fortemente correlacionada com a ansiedade ao melhor amigo do que com a ansiedade na vinculação à mãe ou ao pai, como preconizado na literatura (ver Tabela 6).

Tabela 4

Correlações entre as Componentes do Ciúme Multidimensional, as Dimensões do Perfeccionismo Mensuradas pela EMP-F e pela EMP-H&F, a Conscienciosidade, o Neuroticismo e a Autoestima

	EMP-F								EMP-H&F			N	C	AE	
	PP	O	PE	DAA	CP	PE	Total c/O	Total s/O	PAO	PSP	POO				
Ciúme															
Cog	—	—	.231**	.284**	—	—	.186*	.212**	—	.214**	—	.215**	-.157*	-.173*	
Comport	—	—	.231**	.194*	—	—	.216**	.224**	.158*	.164*	—	.179*	—	—	
Emoc	—	—	—	—	—	—	—	—	.203**	—	—	—	.169*	—	
Total	—	—	.191*	—	—	—	.168*	.165*	.188*	.179*	—	.159*	—	—	

Nota. Cog - Cognitivo, Comport - Comportamental, Emoc - Emocional; EMP-F – Escala Multidimensional de Perfeccionismo de Frost, Total c/O – somatório de todas as dimensões da EMP-F, Total S/O – somatório das dimensões da EMP-F com exclusão da dimensão Organização, PP – Padrões Pessoais, O – Organização, DAA – Dúvidas Acerca das Ações, CP – Criticismo Parental, EP – Expectativas Parentais; EMP-H&F – Escala Multidimensional de Perfeccionismo de Hewitt e Flett, PAO – Perfeccionismo Auto-Orientado, PSP – Perfeccionismo Socialmente Prescrito, POO – Perfeccionismo Orientado para os Outros; N – Neuroticismo, C – Conscienciosidade; AE - Autoestima

* $p < .05$ (2 extremidades), ** $p < .01$ (2 extremidades)

Tabela 5

Médias e Desvios Padrão dos Componentes do Ciúme Multidimensional, das Dimensões do Perfeccionismo da EMP-F e da EMP-H&F e das Dimensões Ansiedade e Evitamento na Vinculação (ao Companheiro e Global) e Correlações entre estas Variáveis

	Ciúme				EMP – F						EMP – H&F		
	Cog.	Comprt	Emoc	Total	PP	O	PE	DAA	CP	EP	PAO	PSP	POO
Ansiedade													
Comp.	.295**	.198*	.254**	.329**	—	—	.267**	.179*	—	.176*	.205**	.201*	—
Global	.196*	.244**	.178*	.263**	.191*	—	.321**	.273**	.359**	.289**	.216**	.357**	—
Evitamento													
Comp.	—	—	—	.160*	—	—	—	—	—	—	—	.221**	—
Global	—	—	—	—	.165*	—	.190*	.154*	.451**	—	—	.275**	—
<i>M</i>	9.97	9.63	21.02	40.63	13.53	15.25	10.41	11.15	9.42	10.60	32.36	13.59	9.99
<i>DP</i>	4.15	3.46	5.38	9.94	3.75	3.45	3.75	3.81	4.61	4.58	9.26	4.50	2.58

Nota. Comp. - Companheiro, Cog. - Cognitivo, Comprt - Comportamental, Emoc - Emocional.

* $p < .05$ (2 extremidades), ** $p < .01$ (2 extremidades).

Tabela 6

Intercorrelações entre os Domínios Relacionais Mensurados pelo Questionário Experiências nas Relações Próximas - Estruturas Relacionais

	Ansiedade				Evitamento				Global	
	Mãe	Pai	Amigo	Companheiro	Mãe	Pai	Amigo	Companheiro	Ansiedade	Evitamento
Ansiedade										
Mãe										
Pai	.679**									
Amigo	.542**	.494**								
Comp	.371**	.382**	.502**							
Evitamento										
Mãe	.303**	.261**	.245**	.166*						
Pai	.172*	.181*	.173*	—	.470**					
Amigo	.370**	.324**	.430**	.266**	.267**	.200*				
Comp	.163*	.218**	.211**	.352**	.156*	—	.437**			
Global										
Ansiedade	.815**	.804**	.802**	.732**	.307**	.210**	.439**	.304**		
Evitamento	.364**	.354**	.371**	.317**	.772**	.730**	.621**	.513**	.446**	
<i>M</i>	2.44	2.58	3.07	3.59	3.06	3.81	2.13	1.96	2.92	2.74
<i>DP</i>	1.77	1.76	1.75	1.95	1.61	1.70	1.04	1.13	1.42	.93

Nota. Comp - Companheiro.

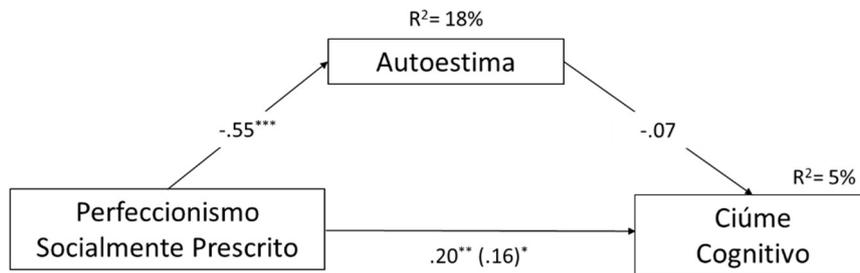
* $p < .05$ (2 extremidades), ** $p < .01$ (2 extremidades).

Análises de Mediação Simples

Por fim, no que concerne aos modelos de mediação, constata-se que as variáveis propostas como preditoras do ciúme, isto é, o PSP e o perfeccionismo total avaliado pela EMP-F, associam-se de modo estatisticamente muito significativo com a AE (sendo a correlação negativa e moderada em ambos os casos). Porém, a AE apenas se correlaciona de modo significativo com o ciúme cognitivo (Tabela 4), sendo a magnitude dessa associação negativa fraca. De acordo com a visão clássica, a aplicabilidade deste modelo estatístico estaria dependente da demonstração de três efeitos: primeiro, da relação significativa entre o preditor e o mediador (no presente estudo, a AE); segundo, da existência de uma associação entre o preditor e o resultado (ciúme) e, terceiro, a AE (na qualidade de mediador) deveria estar significativamente associada ao ciúme e diminuir de modo significativo a associação entre o perfeccionismo e o ciúme quando testado o efeito mediado. Todavia, a abordagem moderna dispensa a existência de um efeito total significativo entre o preditor (variável independente) e o resultado (variável dependente) (ver Hayes, 2009). Não obstante, os resultados de ambas as mediações realizadas revelaram não haver um efeito indireto do perfeccionismo no ciúme cognitivo através da autoestima. Especificamente, no caso do PSP o efeito direto no ciúme cognitivo, tal como demonstrado na Figura 1, é significativo ($b = .16, p = .04$). Porém, não se observou um efeito indireto significativo (efeito indireto = $.04, SE = .04, 95\% IC = [-.03, .11]$). No que respeita à mediação na qual se utilizou como VI o perfeccionismo total mensurado pela EMP-F, constata-se também a inexistência de um verdadeiro efeito indireto (efeito indireto = $.01, SE < .01; 95\% IC = [-.005; .03]$).

Figura 1

Diagrama Estatístico do Modelo de Mediação Simples entre o Perfeccionismo Socialmente Prescrito e o Ciúme Cognitivo Através da Autoestima

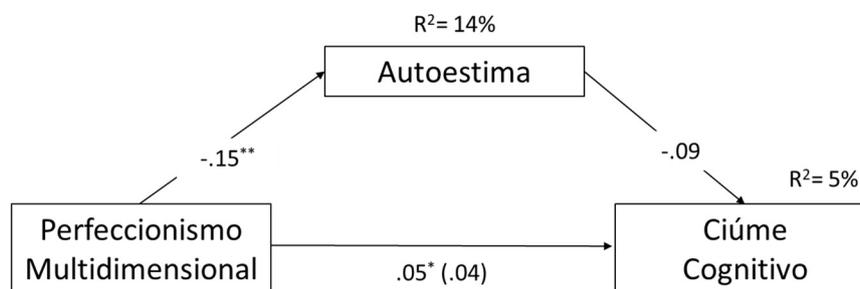


Point estimate = .04, SE = .04, 95% IC = [-.03; .11]

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Figura 2

Diagrama Estatístico do Modelo de Mediação Simples entre o Perfeccionismo Total (com a Dimensão Organização) Mensurado pela EMP-F e o Ciúme Cognitivo Através da Autoestima



Point estimate = .01, SE < .01, 95% IC = [-.005; .03]

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Discussão

De um modo geral, a presente investigação intentou explorar a relação entre os fatores da personalidade N e C, as diferentes dimensões do perfeccionismo avaliadas pela EMP-F e pela EMP-H&F, AE, a vinculação nos adultos, em especial, a vinculação ao companheiro, e o ciúme multidimensional. Detalhadamente, o objetivo principal do estudo consistiu em analisar

se existia uma associação entre o perfeccionismo e o ciúme e averiguar se a AE tinha um papel mediador nessa relação.

Importa esclarecer que no estudo das correlações envolvendo o resultado total da EMP-F aparecem reportados os valores r de Pearson para a escala com e sem a dimensão O, porque a literatura é inconsistente quanto à inclusão desta subescala na investigação sobre o perfeccionismo. Não obstante, estudos qualitativos indicam que os aspetos que caracterizam a Organização/Ordem são, com frequência, referidos pelas pessoas como definidores do seu perfeccionismo (Slaney & Ashby, 1996; Suddarth & Slaney, 2001) e, para além disso, há autores que propõem que esta seja considerada um terceiro fator de grande ordem (Kim et al., 2015).

As correlações obtidas entre os fatores da personalidade C e N e as dimensões do perfeccionismo corroboram, para a amostra em estudo, as hipóteses H1, H2 e H3 colocadas. Caracterizada por autodisciplina, sentido de dever e orientação para objetivos, quanto mais elevada for a presença do traço de personalidade C, mais elevado será o Perfeccionismo Auto-Orientado (PAO), o Perfeccionismo Orientado para os Outros (POO) e as dimensões perfeccionistas Padrões Pessoais (PP) e Organização (O). Em particular, no que concerne à força da associação positiva entre a C e a dimensão O, tal parece reforçar a ideia de que existe uma certa sobreposição entre esta dimensão do perfeccionismo e o traço. De facto, os itens das duas subescalas são muito similares na formulação e, por consequência, sê-lo-ão também no que procuram avaliar (exemplo de item da subescala do NEO-FFI que avalia a C e de um item da subescala O, respetivamente: “Mantenho as minhas coisas limpas e em ordem.”; “A arrumação é muito importante para mim.”). Ademais, a própria definição quer da dimensão O quer do facto da personalidade C destacam a valorização da organização, da ordem e do método na perseguição de objetivos e na elaboração do trabalho (Carter et al., 2015). Adicionalmente,

a correlação entre a C e o POO indica que um aumento na C é acompanhado de um aumento, ainda que fraco, nas expectativas que a pessoa detém acerca do padrão de funcionamento dos outros e no quão relevante é para si o cumprimento do que espera. A análise da associação entre este traço e este subtipo de perfeccionismo tem sido apontada como particularmente relevante na medida em que as pessoas cujo POO é elevado propendem a ser mais empáticas com os outros caso apresentem níveis elevados de C.

A significância estatística das associações positivas entre o N, o Perfeccionismo Socialmente Prescrito (PSP), a Preocupação com os Erros (PE) e as Dúvidas Acerca das Ações (DAA) reiteram o carácter mal-adaptativo destas dimensões do perfeccionismo, as quais, no geral, traduzem as preocupações avaliativas dos indivíduos perfeccionistas (Cox et al., 2002; Frost et al., 1993; Rice et al., 1998). De facto, os dados parecem indiciar, à semelhança do documentado na literatura, que quanto mais neurótica uma pessoa for, mais tenderá a preocupar-se com corresponder às expectativas elevadas que pensa que os outros têm a seu respeito, com os erros que comete e como o seu desempenho poderá afetar o modo como é vista pelas outras pessoas. Por sua vez, a necessidade de atender a tais expectativas percecionadas, parece surgir em paralelo com as dúvidas sobre quão bem ou quão satisfatoriamente desempenham as suas tarefas. Simultaneamente, constata-se que, à semelhança do reportado noutros estudos, o PAO também se correlaciona de modo positivo com o N. Embora a associação seja fraca, parece ser sugestiva de que a neuroticidade predispõe, em certa medida, ao estabelecimento de objetivos mais altos e a uma maior rigidez na procura por alcançá-los. Quer isto dizer que, em contexto clínico, para averiguar se a motivação intrínseca característica do PAO é adaptativa teremos de estar atentos às características neuróticas da pessoa. Se à associação anteriormente descrita juntarmos a forte correlação negativa entre o N e a AE, parece-nos plausível propor que a perseguição de tal patamar superior de desempenho seja uma compensação do sentimento de inferioridade

aumentado. Efetivamente, a associação entre o N e a AE indicia que, quanto mais baixa for a autoestima, maior será a tendência para evidenciar características neuróticas. Em suma, analisados conjuntamente, os resultados das correlações obtidas entre o PAO, a C e o N vão ao encontro da ambiguidade já reportada na literatura. Deste modo, tais associações parecem suportar a ideia de que este subtipo de perfeccionismo não é inequivocamente adaptativo (Lo & Abbott, 2013; Stoeber et al., 2009) e reforçam a concepção de poder ser melhor descrito em duas dimensões independentes (Vicent et al., 2019). Não obstante, os resultados obtidos vão ao encontro do esperado (hipóteses H2 e H3).

No que concerne às dimensões ansiedade e evitamento (globais) na vinculação, as correlações moderadas muito significativas sugerem que quanto mais exposto ao criticismo parental um indivíduo estiver (tiver estado) mais tenderá a manifestar nas suas relações próximas a necessidade de independência e autossuficiência e, por outro lado, maior será o medo que sente de ser abandonado. Porém, os resultados indicam a inexistência de correlação entre o CP e a ansiedade e o evitamento ao companheiro. Relativamente à dimensão EP, observamos que esta se correlaciona de modo significativo, ainda que fraco, apenas com a dimensão ansiedade na vinculação ao companheiro e ansiedade global.

A nossa hipótese de que o PSP e o EMP-F Total se associam negativamente com a autoestima foi corroborada pelos resultados (H5), podendo concluir-se que a autoestima diminui quando o perfeccionismo aumenta (à semelhança do já reportado noutros estudos que apontam que quanto mais elevado o PSP mais baixa será a autoestima e a autoaceitação) (Rice et al., 1998). Sequentemente, a inexistência de correlação entre a AE e o POO não é surpreendente, na medida em que, sendo este subtipo de perfeccionismo orientado para os outros e para o quão bem se ajustam aos padrões que o sujeito estabelece (Hewitt & Flett, 1991; Stoeber, 2015), não interfere com o julgamento e apreciação que a pessoa faz acerca de si

mesma. Relativamente à hipótese de que a AE medeia a associação entre o perfeccionismo e o ciúme, além da associação entre o perfeccionismo e o ciúme positiva fraca (H6), a AE não se correlaciona com o ciúme total (deste modo, não se confirma H7), observando-se apenas uma correlação negativa fraca da AE com o ciúme cognitivo. Ademais, constatou-se que, mesmo utilizando o ciúme cognitivo como variável dependente no modelo de mediação, em vez do ciúme total, a relação entre este construto e o perfeccionismo não é mediada pela AE. A inexistência de uma relação estatisticamente significativa entre a AE e o ciúme total não corresponde ao esperado. Contudo, um resultado semelhante tinha sido reportado noutra estudo recorrendo a instrumentos de avaliação diferentes dos utilizados na presente investigação (ver Buunk, 1981). No que se refere à correlação negativa fraca entre a AE e o ciúme cognitivo, indicativa de que quando a AE diminui esta dimensão do ciúme aumenta, parece reforçar a ideia de que uma baixa AE poderá estar de algum modo ligada à vulnerabilidade a este tipo de ciúme. Tal vulnerabilidade, por sua vez, pode ser devida ao facto de os sentimentos de inadequação sentidos por pessoas com baixa AE, nomeadamente, enquanto companheiras na relação amorosa (ver, por exemplo, White, 1981b), propiciarem a ocorrência de pensamentos suspiciosos acerca das ações e interações que o companheiro estabelece. De facto, a literatura refere que a discrepância ou dissonância cognitiva entre o atual *self* e o *self* idealizado afeta a AE e conduz a sentimentos de inadequação.

Ainda no que se refere ao ciúme, constata-se que quando o neuroticismo aumenta, o ciúme comportamental e o cognitivo também tendem a aumentar, apesar da força da associação entre ambos ser fraca. Não obstante, a correlação positiva entre o N e o ciúme comportamental e entre o N e o ciúme cognitivo parece fortalecer a visão de que estes dois componentes do ciúme tendem a ser mais prejudiciais, inclusivamente, para o relacionamento, do que o ciúme emocional (com o qual o N não se correlaciona de modo estatisticamente significativo). Esta

constatação parece encontrar reforços na associação negativa (fraca) entre a C e o ciúme cognitivo e na correlação positiva deste fator da personalidade com o ciúme emocional.

Em relação às correlações entre o perfeccionismo e as dimensões ansiedade e evitamento na vinculação, na generalidade, parecem indicar que pessoas mais evitantes e ansiosas nas relações interpessoais próximas propendem a ser mais perfeccionistas. Exemplificando, pessoas com PSP mais elevado são mais sensíveis ao julgamento alheio e à possível rejeição, o que é compatível com o evitamento na vinculação que predispõe a relações próximas emocionalmente mais distantes e superficiais, como forma de proteção.

Em suma, à semelhança do reportado noutros estudos, a presente investigação sugere que o perfeccionismo tem dimensões neuróticas e não neuróticas, ou seja, compreende aspetos tendencialmente positivos e outros negativos. Por sua vez, os outcomes advindos do perfeccionismo dependerão, portanto, da maior ou menor expressão de cada uma dessas características.

Limitações e Conclusões

O tamanho da amostra, atendendo ao número total de itens administrados, constitui uma limitação não menosprezável do estudo, assim como a desproporção entre os indivíduos de cada género (83.4% mulheres, 14.7% homens e apenas 1.8% não binários). Outra limitação prende-se com o facto de ter-se administrado apenas as subescalas do NEO-FFI referentes a N e à C, o que, apesar de ir ao encontro das hipóteses inicialmente elencadas, reduz as conclusões que podem retirar-se do estudo. No futuro seria interessante explorar a relação dos cinco grandes domínios e subfacetas da personalidade com as diferentes variáveis em estudo, especialmente, as menos estudadas, mas que têm vindo a ser apontadas como potencialmente impactantes em vários contextos. A título de exemplo: o POO - que parece ter particular relevância na satisfação com as relações (Smith & Chen, 2020) - surge com mais frequência

associado a outros domínios da personalidade, e.g., a Amabilidade (Habke & Flynn, 2002) e, por seu turno, a Amabilidade baixa tem sido correlacionada com o evitamento na vinculação (Fraley, Heffernan et al., 2011). Outro constrangimento do estudo prende-se com o uso exclusivo de instrumentos de autorresposta que podem não refletir concretamente o que os respondentes sentem ou pensam, devido ao possível efeito da desejabilidade social. Para além disso, os instrumentos administrados avaliam apenas elementos conscientes - explícitos - da experiência individual. Em investigações futuras, seria útil recorrer, simultaneamente, a instrumentos de avaliação que visem os aspetos implícitos (por exemplo, a Tarefa Letra do Nome ou o Teste de Associação Implícita para a AE; ver Greenwald & Banaji, 1995) dos constructos. Dado que estudos mais recentes reportaram, subjacentes à discrepância entre a AE explícita e a AE implícita, diferentes níveis de ciúme entre homens e mulheres (Stieger et al, 2012).

Não obstante todas as limitações enunciadas, o presente estudo constitui um acréscimo ao conhecimento, pois, tanto quanto é do nosso conhecimento, não existem estudos que investiguem em simultâneo o perfeccionismo, a AE e o ciúme. Além disso, dado o perfeccionismo considerado mal-adaptativo impactar não só o bem-estar individual, como as relações interpessoais (Martin & Ashby, 2004), a eficácia de muitos tratamentos psicológicos (Smith & Chen, 2020) e condicionar o estabelecimento de relações terapêuticas, o conhecimento aprofundado das suas dimensões e a correlação com outros construtos relativos à personalidade constitui, por si só, uma mais-valia. Do mesmo modo, atendendo à transversalidade do ciúme nas relações interpessoais e aos efeitos nefastos que pode ter nessas mesmas relações, aprofundar o conhecimento acerca desta amálgama de emoções, comportamentos e cognições poderá incrementar a satisfação nas relações (intra e interpessoais) e facilitar o delineamento de intervenções e a implementação de estratégias personalizadas.

Referências Bibliográficas

- Amaral, A. P., Soares, M. J., Pereira, A. T., Bos, S. C., Marques, M., Valente, J., Nogueira, V., Azevedo, M. H., & Macedo, A. (2013). Frost multidimensional perfectionism scale: The Portuguese version. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 40(4), 144-149. <https://doi.org/10.1590/s0101-60832013000400004>
- Andersen, P. A., Eloy, S. V., Guerrero, L. K., & Spitzberg, B. H. (1995). Romantic jealousy and relational satisfaction: A look at the impact of jealousy experience and expression. *Communication Reports*, 8(2), 77-85.
<https://doi.org/10.1080/08934219509367613>
- Ashby, J. S., & Rice, K. G. (2002). Perfectionism, dysfunctional attitudes, and self-esteem: A structural equations analysis. *Journal of Counseling & Development*, 80(2), 197-203. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6678.2002.tb00183>
- Attridge, M. (2013). Jealousy and relationship closeness. *SAGE Open*, 3(1), 215824401347605. <https://doi.org/10.1177/2158244013476054>
- Baldwin, M. W., Keelan, J. P., Fehr, B., Enns, V., & Koh-Rangarajoo, E. (1996). Social-cognitive conceptualization of attachment working models: Availability and accessibility effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(1), 94-109. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.1.94>
- Bartholomew, K., & Shaver, P. (1997). Methods of assessing adult attachment: Do they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 25-45). Guilford Press.
- Bosson, J. K., Swann, W. B., & Pennebaker, J. W. (2000). Stalking the perfect measure of implicit self-esteem: The blind men and the elephant revisited? *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(4), 631-643. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.79.4.631>

Bosson, J. & Swann, W.B., Jr. (2009). Self-esteem: Nature, origins, and consequences. In R. Hoyle & M. Leary (Eds.), *Handbook of individual differences in social behavior* (pp. 527-546). New York: Guilford.

Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds. *British Journal of Psychiatry*, 130(3), 201-210. <https://doi.org/10.1192/bjp.130.3.201>

Brumbaugh, C. C., & Fraley, R. C. (2007). Transference of attachment patterns: How important relationships influence feelings toward novel people. *Personal Relationships*, 14(4), 513-530. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2007.00169.x>

Bryman, A., & Cramer, D. (2012). *Quantitative data analysis with IBM SPSS 17, 18 & 19: A guide for social scientists*. Routledge.

Buunk, B. (1981). Jealousy in sexually open marriages. *Alternative Lifestyles*, 4(3), 357-372. <https://doi.org/10.1007/bf01257944>

Burns, D. D. (1980). The perfectionist's script for self-defeat. *Psychology today*, 34-52.

Campbell, J. D., & Paula, A. D. (2002). Perfectionistic self-beliefs: Their relation to personality and goal pursuit. In G. L. Flett & P. L. Hewitt (Eds.), *Perfectionism: Theory, research, and treatment* (pp. 181–198). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10458-007>

Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da adult attachment Scale-R (ASS-R) Na população portuguesa. *PSICOLOGIA*, 20(1), 155-186. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.381>

Carter, N. T., Guan, L., Maples, J. L., Williamson, R. L., & Miller, J. D. (2015). The downsides of extreme conscientiousness for psychological well-being: The role of obsessive-compulsive tendencies. *Journal of Personality*, 84(4), 510-522. <https://doi.org/10.1111/jopy.12177>

Cervone, D., & Pervin, L. A. (2019). Trait theory: The five-factor model; applications and evaluation of trait approaches to personality. In *Personality: Theory and research* (12th ed., pp. 261-300). John Wiley & Sons, Inc.

Cohen, J. (1988). The Significance of a Product Moment r s. In *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed., pp. 75-108). Lawrence Erlbaum Associates.

Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). The five-factor model of personality and its relevance to personality disorders. *Journal of Personality Disorders*, 6(4), 343-359. <https://doi.org/10.1521/pedi.1992.6.4.343>

Craven, R. G., & Marsh, H. W. (2008). The centrality of the self-concept construct for psychological wellbeing and unlocking human potential: Implications for child and educational psychologists. *Educational & Child Psychology*, 25(2), 104-118.

DeSteno, D., Valdesolo, P., & Bartlett, M. Y. (2006). Jealousy and the threatened self: Getting to the heart of the green-eyed monster. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(4), 626-641. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.91.4.626>

Espírito Santo, H., & Daniel, F. (2017). Calcular e apresentar tamanhos do efeito em trabalhos científicos (2): Guia para reportar a força das relações. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 3(1), 53-64. <https://doi.org/10.7342/ismt.rpics.2017.3.1.48>

Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132-154. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.4.2.132>

Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The experiences in close relationships—Relationship structures questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment*, 23(3), 615-625. <https://doi.org/10.1037/a0022898>

Frost, R. O., Marten, P., Lahart, C., & Rosenblate, R. (1990). The dimensions of perfectionism. *Cognitive Therapy and Research, 14*(5), 449-468. <https://doi.org/10.1007/bf01172967>

Frost, R. O., Heimberg, R. G., Holt, C. S., Mattia, J. I., & Neubauer, A. L. (1993). A comparison of two measures of perfectionism. *Personality and Individual Differences, 14*(1), 119-126. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(93\)90181-2](https://doi.org/10.1016/0191-8869(93)90181-2)

Gecas, V. (1982). The self-concept. *Annual Review of Sociology, 8*(1), 1-33. <https://doi.org/10.1146/annurev.so.08.080182.000245>

Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (1995). Implicit social cognition: Attitudes, self-esteem, and stereotypes. *Psychological Review, 102*(1), 4-27. <https://doi.org/10.1037/0033-295x.102.1.4>

Habke, A. M., & Flynn, C. A. (2002). Interpersonal aspects of trait perfectionism. *Perfectionism: Theory, research, and treatment*, 151-180. <https://doi.org/10.1037/10458-006>

Harter, S. (1988). Developmental and dynamic changes in the nature of the self-concept. *Cognitive Development and Child Psychotherapy, 119-160*. https://doi.org/10.1007/978-1-4899-3635-6_5ros

Hayes, A. F. (2009). Beyond baron and Kenny: Statistical mediation analysis in the new millennium. *Communication Monographs, 76*(4), 408-420. <https://doi.org/10.1080/03637750903310360>

Hayes, A. F. (2022). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach* (3rd ed.). Guilford Publications.

Hewitt, P. L., & Flett, G. L. (1991). Perfectionism in the self and social contexts: Conceptualization, assessment, and association with psychopathology. *Journal of Personality and Social Psychology, 60*(3), 456-470. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.60.3.456>

Hewitt, P. L., Flett, G. L., Turnbull-Donovan, W., & Mikail, S. F. (1991). The Multidimensional Perfectionism Scale: Reliability, validity, and psychometric properties in

psychiatric samples. *Psychological Assessment: A Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 3(3), 464–468. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.3.3.464>

Hill, R. W., Huelsman, T. J., Furr, R. M., Kibler, J., Vicente, B. B., & Kennedy, C. (2004). A new measure of perfectionism: The perfectionism inventory. *Journal of Personality Assessment*, 82(1), 80-91. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa8201_13

Hollender, M. H. (1965). Perfectionism. *Comprehensive Psychiatry*, 6(2), 94-103. [https://doi.org/10.1016/s0010-440x\(65\)80016-5](https://doi.org/10.1016/s0010-440x(65)80016-5)

Horney, K. (1950). The tyranny of the should. In *Neurosis and human growth: The struggle toward self-realization* (1st ed., pp. 64-85). W. W. Norton & Company, INC. New York.

Huitt, W. (2018). Self and self-views. In W. Huitt (Ed.), *Becoming a Brilliant Star: Twelve core ideas supporting holistic education* (pp. 215-220). La Vergne, TN: IngramSpark.

Jaremko, M. E., & Lindsey, R. (1979). Stress-coping abilities of individuals high and low in jealousy. *Psychological Reports*, 44(2), 547-553. <https://doi.org/10.2466/pr0.1979.44.2.547>

Kamushadze, T., Martskvishvili, K., Mestvirishvili, M., & Odilavadze, M. (2021). Does perfectionism lead to well-being? The role of flow and personality traits. *Europe's Journal of Psychology*, 17(2), 43-57. <https://doi.org/10.5964/ejop.1987>

Kim, L. E., Chen, L., MacCann, C., Karlov, L., & Kleitman, S. (2015). Evidence for three factors of perfectionism: Perfectionistic strivings, order, and perfectionistic concerns. *Personality and Individual Differences*, 84, 16–22. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.01.033>

Kline, R. B. (2010). *Principles and practice of structural equation modeling* (3rd ed.). Guilford Press.

Koole, S. L., & DeHart, T. (2007). Self-affection without self-reflection: Origins, models, and consequences of implicit self-esteem. In C. Sedikides & S. Spencer (Eds.), *The self in Social Psychology* (pp. 36-86). New York: Psychology Press.

Leary, M. R. (1990). Responses to social exclusion: Social anxiety, jealousy, loneliness, depression, and low self-esteem. *Journal of Social and Clinical Psychology, 9*(2), 221-229. <https://doi.org/10.1521/jscp.1990.9.2.221>

Lo, A., & Abbott, M. J. (2013). Review of the theoretical, empirical, and clinical status of adaptive and maladaptive perfectionism. *Behaviour Change, 30*(2), 96-116. <https://doi.org/10.1017/bec.2013.9>

Lucas, C., Pereira, H., & Esgalhado, G. (2012). Evaluation of romantic jealousy: Psychometric study of the multidimensional jealousy scale for the Portuguese population. *Psychology, Community & Health, 1*(2), 151-162. <https://doi.org/10.5964/pch.v1i2.26>

Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A., Costa, J. J., Costa, M. J., Costa, P., & Lima, M. P. (2014). NEO-FFI: Psychometric properties of a short personality inventory in Portuguese context. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 27*(4), 642-657. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427405>

Martin, J. L., & Ashby, J. S. (2004). Perfectionism and fear of intimacy: Implications for relationships. *The Family Journal, 12*(4), 368-374. <https://doi.org/10.1177/1066480704267279>

Melamed, T. (1991). Individual differences in romantic jealousy: The moderating effect of relationship characteristics. *European Journal of Social Psychology, 21*(5), 455-461. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420210508>

Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2014). Assessing adult attachment across different contexts: Validation of the Portuguese version of the experiences in close relationships–relationship structures questionnaire. *Journal of Personality Assessment, 97*(1), 22-30. <https://doi.org/10.1080/00223891.2014.950377>

Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2016). Correction to: Assessing adult attachment across different contexts: Validation of the Portuguese version of the

experiences in close relationships–relationship structures questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 98(6), 664-664. <https://doi.org/10.1080/00223891.2016.1195667>

Mullen, P. E., & Martin, J. (1994). Jealousy: A community study. *British Journal of Psychiatry*, 164(1), 35-43. <https://doi.org/10.1192/bjp.164.1.35>

Pacht, A. R. (1984). Reflections on perfection. *American Psychologist*, 39(4), 386–390. doi:10.1037/0003-066x.39.4.386

Pedroso-Lima, M., Gonçalves, E., Salgueira, A., Gonzalez, A., Costa, J. J., Costa, M. J., & Costa, P. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: Caracterização em função da idade, género e escolaridade. *PSICOLOGIA*, 28(2), 1-10. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v28i2.534>

Peretti, P. O., & Pudowski, B. C. (1997). Influence of jealousy on male and female college daters. *Social Behavior and Personality: an international journal*, 25(2), 155-160. <https://doi.org/10.2224/sbp.1997.25.2.155>

Pines, A., & Aronson, E. (1983). Antecedents, correlates, and consequences of sexual jealousy. *Journal of Personality*, 51(1), 108-136. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1983.tb00857.x>

Purkey, W. (1988). *An Overview of Self-Concept Theory for Counselors*. ERIC Clearinghouse on Counseling and Personnel Services, Ann Arbor, Mich. An ERIC/CAPS Digest: ED304630

Rice, K. G., Ashby, J. S., & Slaney, R. B. (1998). Self-esteem as a mediator between perfectionism and depression: A structural equations analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 45(3), 304–314. doi:10.1037/0022-0167.45.3.304

Richter, M., Schlegel, K., Thomas, P., & Troche, S. J. (2022). Adult attachment and personality as predictors of jealousy in romantic relationships. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.861481>

Rosenberg, M., & Owens, T. J. (2001). Low self-esteem people: A collective portrait. In T. J. Owens, S. Stryker, & N. Goodman (Eds.), *Extending self-esteem theory and research: Sociological and psychological currents* (pp. 400–436). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511527739.018>

Santos, P. J. (2008). Validação da Rosenberg Self-esteem Scale numa amostra de estudantes do ensino superior. In Noronha, A. P., Machado, C., Almeida, L., Gonçalves, M., Martins, S. & Ramalho, V., *Avaliação Psicológica: Formas e contextos*. Vol. XIII. Braga. Psiquilíbrios Edições.

Santos, P. J., & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão Portuguesa da escala de auto-estima de Rosenberg [Confirmatory factor analysis and preliminary validation of a Portuguese version of the Rosenberg Self-Esteem Scale]. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 8(2), 253–268.

Shafran, R., & Mansell, W. (2001). Perfectionism and psychopathology: a review of research and treatment. *Clinical Psychology Review*, 21(6), 879–906. doi:10.1016/s0272-7358(00)00072-6

Sharpsteen, D. J., & Kirkpatrick, L. A. (1997). Romantic jealousy and adult romantic attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(3), 627-640. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.3.627>

Shavelson, R. J., Hubner, J. J., & Stanton, G. C. (1976). Self-concept: Validation of construct interpretations. *Review of Educational Research*, 46(3), 407-441. <https://doi.org/10.3102/00346543046003407>

Shavelson, R. J., & Bolus, R. (1982). Self-concept: The interplay of theory and methods. *Journal of Educational Psychology*, 74(1), 3-17. <https://doi.org/10.1037/0022-0663.74.1.3>

Sibley, C. G., Fischer, R., & Liu, J. H. (2005). Reliability and validity of the revised experiences in close relationships (ECR-R) self-report measure of adult romantic attachment. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31(11), 1524-1536. <https://doi.org/10.1177/0146167205276865>

Slaney, R. B., & Ashby, J. S. (1996). Perfectionists: Study of a criterion group. *Journal of Counseling & Development*, 74(4), 393-398. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.1996.tb01885.x>

Smith, M. M., Sherry, S. B., Vidovic, V., Saklofske, D. H., Stoeber, J., & Benoit, A. (2019). Perfectionism and the five-factor model of personality: A meta-analytic review. *Personality and Social Psychology Review*, 23(4), 367-390. <https://doi.org/10.1177/1088868318814973>

Smith, M. M., & Chen, S. (2020). Perfectionism. In B. J. Carducci, D. H. Saklofske, C. Stough, & A. D. Fabio (Eds.), *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Personality processes and individual differences* (pp. 323-327). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781119547174.ch232>

Soares, M. J., Gomes, A. A., Macedo, A. F., Azevedo, M. H. P. (2003). Escala Multidimensional De Perfeccionismo: Adaptação À População Portuguesa. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 5(1), 46-55. Sociedade Portuguesa de Psicossomática Porto, Portugal. <https://www.redalyc.org/pdf/287/28750106.pdf>

Soares, M. J., Pereira A. T., Araújo, A., Silva, D., Valente, J., Nogueira, V., Roque, C., & Macedo, A. (2016). The H&F-Multidimensional Perfectionism Scale 13 (H&F-MSP13): Construct and Convergent Validity. *European Psychiatry*, 33 (S1), 345. <https://doi.org/10.1016/j.eurpsy.2016.01.771>

Soares, M. J., Azevedo, J., Pereira, A. T., Araújo, A.I., Castro, J., Chaves, B., Roque, C., Bajouco, M., Macedo, M. (2017). Confirmatory factor analysis of the frost et al multidimensional perfectionism scale-24 (F-MPS 24). *European Psychiatry*, 41 (S1), s793-s794. <https://doi.org/10.1016/j.eurpsy.2017.01.1525>

Soares, M. J., Marques, C., Pereira, A. T., Araújo, A. I., Madeira, N., Nogueira, V., & Macedo, A. (2017). Confirmatory factor analysis of the Hewitt & Flett multidimensional perfectionism scale-13 (H&F-MPS13). *European Psychiatry*, 41(S1), S257. <https://doi.org/10.1016/j.eurpsy.2017.02.057>

Sorotzkin, B. (1985). The quest for perfection: Avoiding guilt or avoiding shame? *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 22(3), 564–571. <https://doi.org/10.1037/h0085541>

Stieger, S., Preyss, A. V., & Voracek, M. (2012). Romantic jealousy and implicit and explicit self-esteem. *Personality and Individual Differences*, 52(1), 51-55.

<https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.08.028>

Stewart, R. A., & Beatty, M. J. (1985). Jealousy and self-esteem. *Perceptual and Motor Skills*, 60(1), 153-154. <https://doi.org/10.2466/pms.1985.60.1.153>

Stoeber, J., & Otto, K. (2006). Positive conceptions of perfectionism: Approaches, evidence, challenges. *Personality and Social Psychology Review*, 10(4), 295-319. https://doi.org/10.1207/s15327957pspr1004_2

Stoeber, J., Otto, K., & Dalbert, C. (2009). Perfectionism and the Big Five: Conscientiousness predicts longitudinal increases in self-oriented perfectionism. *Personality and Individual Differences*, 47(4), 363-368. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.04.004>

Stoeber, J., & Stoeber, F. S. (2009). Domains of perfectionism: Prevalence and relationships with perfectionism, gender, age, and satisfaction with life. *Personality and Individual Differences*, 46(4), 530-535. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2008.12.006>

Stoeber, J. (2015). How other-oriented perfectionism differs from self-oriented and socially prescribed perfectionism: Further findings. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 37(4), 611-623. <https://doi.org/10.1007/s10862-015-9485-y>

Suddarth, B. H., & Slaney, R. B. (2001). An investigation of the dimensions of perfectionism in college students. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 34(3), 157-165. <https://doi.org/10.1080/07481756.2002.12069032>

Vicent, M., Inglés, C. J., Sanmartín, R., González, C., Aparicio-Flores, M. P., & García-Fernández, J. M. (2019). Clarifying the two facets of Self-Oriented Perfectionism: Influences on affect and the Big Five traits of personality in children. *Anales de Psicología*, 35(2), 280–289. <https://doi.org/10.6018/analesps.35.2.332891>

Weiner, B. (1985). Humanistic theory and personal constructs. In *Human motivation* (1st ed., pp. 407-436). Springer-Verlag New York Inc. <https://doi.org/10.1007/978-1-4612-5092-0>

White, G. L. (1981a). A model of romantic jealousy. *Motivation and Emotion*, 5(4), 295-310. <https://doi.org/10.1007/bf00992549>

White, G. L. (1981b). Some correlates of romantic jealousy. *Journal of Personality*, 49(2), 129-145. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1981.tb00733.x>

Zajonc, R. B. (1980). Feeling and thinking: Preferences need no inferences. *American Psychologist*, 35(2), 151–175. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.35.2.151>

Zeigler-Hill, V. (2006). Discrepancies between implicit and explicit self-esteem: Implications for narcissism and self-esteem instability. *Journal of Personality*, 74(1), 119-144. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2005.00371.x>

Zhang, F., & Labouvie-Vief, G. (2004). Stability and fluctuation in adult attachment style over a 6-year period. *Attachment & Human Development*, 6(4), 419-437. <https://doi.org/10.1080/1461673042000303127>

Anexos

Consentimento Informado Informação aos participantes

No âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas pela Universidade de Coimbra, intitulada “Perfeccionismo, Autoestima e Ciúme”, sob orientação da Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima, venho requerer a sua colaboração no preenchimento (com uma duração aproximada de 20 minutos) deste questionário.

A participação é voluntária, não envolve riscos e o anonimato e a confidencialidade dos resultados individuais serão garantidos. Informa-se, ainda, que poderá desistir de participar a qualquer momento. No entanto, a sua colaboração é de extrema importância, pois a concretização do estudo estará dependente do número de respostas obtidas.

Grata pela sua colaboração!

A aluna,
Filipa Fernandes
(filipad.fernandes@gmail.com).

Aceito participar voluntariamente neste estudo, autorizando a utilização dos dados recolhidos para efeitos de investigação: Sim Não

Questionário Sociodemográfico

Os dados são confidenciais, anónimos e unicamente utilizados para fins de investigação.

1. Dados Pessoais

Idade: _____ anos

Sexo: Masculino Feminino Não binário

Etnia: Caucasiana Asiática Negroide Latina Outra

Orientação sexual: Heterossexual Homossexual Bissexual Outra

Nacionalidade: Portuguesa Outra: _____

Zona de Residência: Norte Centro Grande Lisboa Alentejo Algarve

Região Autónoma da Madeira Região Autónoma dos Açores Outra: _____

Estado Civil: Solteiro Casado/União de Facto Divorciado/Separado Viúvo

Outro (Qual? _____)

2. Habilitações Literárias

Nível de escolaridade mais elevado (completo):

1º Ciclo (1º - 4º ano)

2º Ciclo (5º - 6º ano)

3º Ciclo (7º - 9º ano)

Secundário (10º - 12º ano)

Bacharelato Licenciatura Mestrado Doutoramento

Outro: _____

Profissão:

Trabalhador-estudante (Curso: _____, Ano em que está inscrito: _____);

Profissão: _____)

Estudante (Curso: _____, Ano em que está inscrito: _____)

Profissões das Forças Armadas (Oficiais, Sargentos e outro pessoal das Forças Armadas)

Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos (e.g., Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos; Dirigentes superiores da Administração Pública; Diretores de Serviços Administrativos e comerciais; Diretores de produção e de serviços especializados, entre outros) Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores

Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta

Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices

Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem (Condutores de veículos e operadores de equipamentos móveis; Trabalhadores da montagem; Operadores de instalações fixas e máquinas)

Trabalhadores não qualificados (e.g., Trabalhadores de limpeza; Trabalhadores não qualificados da agricultura, produção animal, pesca e floresta; Assistentes na preparação das refeições)

Outra: _____

3. Dados Clínicos

Doenças autoimunes (com diagnóstico médico confirmado): Sim Não

Se sim, diga qual/quais: _____

Partilha este diagnóstico com alguém da sua família? Sim Não

Se sim, qual o grau de parentesco: _____

Sofre de alguma doença mental: Sim Não Não sei

Se respondeu *Não sei* à questão anterior, p.f., justifique: _____

Se respondeu *Sim*, diga qual: Depressão Ansiedade Generalizada Ansiedade Social

Ataques de Pânico Perturbação Obsessivo-Compulsiva Dependência de Substâncias/Jogo

Bulimia Anorexia Nervosa Outra

Se respondeu *Dependência de Substâncias/Jogo*, diga qual/quais: Álcool Cannabis

Heroína Cocaína Haxixe Jogo Outra

Personalidade

NEO-FFI (Lima & Simões, 2000)

Perfeccionismo

Versão reduzida da Escala Multidimensional de Perfeccionismo - H&F 13 (Soares, Pereira, Araújo, Silva, Valente, Nogueira, Roque & Macedo, 2016)

Versão reduzida da Escala Multidimensional de Perfeccionismo - F 24 (Soares, Azevedo, Pereira, Araújo, Castro, Chaves, Roque, Bajouco & Macedo, 2020)

Autoestima

Escala de Autoestima de Rosenberg (1965, adaptada por Santos & Maia, 2003)

Relacionamentos

Está numa relação amorosa? Sim Não Outro: _____

Já esteve nalgum relacionamento amoroso? Sim Não

Qual a duração do seu relacionamento? (à frente do número que inserir, por favor, indique se se refere a meses, anos ou dias) _____

Grau de satisfação com o último relacionamento: Muito satisfeito(a) Satisfeito(a)

Mais ou menos satisfeito(a) Pouco satisfeito(a) Nada satisfeito(a)

Nota: nas perguntas seguintes poderá seleccionar mais do que uma opção, consoante o que melhor se aplica ao seu caso.

Já foi traído? Sim, no meu relacionamento amoroso presente Sim, num relacionamento amoroso passado Não Talvez, no meu relacionamento amoroso presente Talvez, num relacionamento amoroso passado

Já traiu? Sim, no atual relacionamento amoroso Sim, num relacionamento amoroso passado Não

Quais as razões? _____

Ciúme

Escala Multidimensional de Ciúme (Pfeiffer & Wong, 1989; Lucas, Pereira & Esgalhado, 2012)

Experiências nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais

(Fralely, Heffernan, et al., 2011; versão portuguesa Moreira et al., 2014)